

GESTÃO DE ESPAÇOS AUTÔNOMOS

coletivo ativismo abc



um fanzine sobre um pouco da ^{fantástica!} experiência de 10 anos da
CASA DA LAGARTIXA PRETA "MALAGUEÑA SALEROSA"

Isto não é uma cartilha. É um fanzine.

"Há uma grande diferença entre conhecer o caminho e trilhar o caminho" (Morpheus)

O intuito deste material é disponibilizar experiências adquiridas pelo coletivo anarquista Ativismo ABC (AABC) para que surjam reflexões mais densas sobre a gestão de espaços autônomos no meio anarquista. Não queremos ditar regras, mas levantar pontos que achamos essenciais para que formas libertárias de viver brotem cada vez mais no nosso horizonte e consigam fluir.

Esta não é uma reflexão fechada, estamos abertas para discussões sobre o assunto. Achamos que outros coletivos e espaços que existem, existiram ou existirão podem utilizar nossos escritos para pensar e agir sobre os problemas que enfrentaram, enfrentam ou enfrentarão.

Desta forma, as histórias sobre os erros e acertos na gestão de um espaço por um período longo como o nosso podem servir de exemplo a outras pessoas e outros espaços. Incentivamos outros coletivos a pensarem em suas próprias experiências e escreverem sobre ela para, quem sabe, montarmos uma publicação futura e conjunta, mais ampla e diversificada.

Este fanzine foi feito por pessoas do coletivo Ativismo ABC em comemoração aos 10 anos da Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa". A escrita foi realizada em pouco tempo e nem todas as pessoas membros do coletivo tiveram a oportunidade de colaborar, portanto ainda está em construção.

Boa Leitura!



Contatos: ativismoabc@riseup.net – www.ativismoabc.org

Nota sobre a linguagem de gênero utilizada neste texto: este texto está redigido de forma neutra sem o uso de X, @ ou *, buscando superar o machismo existente na língua portuguesa e ao mesmo tempo facilitar a leitura. Trataremos o sujeito sempre como "pessoa". Portanto, sempre que fizermos referência a pessoa ou pessoas, usaremos o feminino, pois a palavra "pessoa" é feminina em português.

Nota sobre ferramentas livres usadas para edição deste fanzine: rede social WE, pad, libreoffice, linux, etc. Compartilhamos da proposta de organização e autonomia que os grupos que desenvolvem essas ferramentas têm. Incentivamos os grupos políticos a usarem essas ferramentas e colaborarem nesse trabalho que é tão importante para nós. Muitas das nossas conquistas quanto a organização de eventos coletivos, edição de textos, difusão e debates de ideias, devemos a esses grupos. Valeu demais!

Conteúdos

1- Introdução	04
2- O começo do espaço	06
A relação Micro-Macro	07
Estratégia: "Coletivo -> Espaço ->Território"	10
"Um coletivo em função do espaço" versus "Um espaço em função do coletivo"	14
Experiência prática da Amanamanha	21
O que fazer com quem assume responsabilidades e não cumpre?	22
3- Estabilidade: sobre Ocupação e Ponto de Cultura	24
4- Dinheiro e relações utilitaristas com o espaço	26
A problemática de Shows no espaço	27
A festa da pizza vegana	29
E se começarmos um espaço no meio rural?	31
5- Mantendo o espaço e se mantendo financeiramente.....	31
6- Porque realizar por si próprio as reformas no espaço	32
7- Aprender com experiências alheias: a arte de não reinventar a roda	34
Buscar outras experiências afinadas com os objetivos do coletivo	34
Como possibilitar a entrada de pessoas que não tenham conhecimento sobre anarquismo.....	35
8- Moradia e visitas	36
Moradoras	37
Visitantes	38
9- Biblioteca, sala, cozinha e... HORTA!	38
10- Pelo intercâmbio entre grupos e espaços	42
11- Para um futuro de expansão de espaços: dois espaços na mesma região e a questão financeira	43
12 - Conclusões	43
AFETOS – Um coletivo de atletas do coração	46
Anexos	47



1- INTRODUÇÃO

Um espaço político autônomo (no sentido físico) é o local onde é possível pôr em prática cotidianamente os princípios e ações de um coletivo autônomo. Os espaços anarquistas e libertários (também conhecidos como ateneus, centros sociais, culturais ou comunitários) fazem parte da história prática anarquista em todo o mundo e funcionam como ponto de encontro e convergência de ações e ideias, interação com a comunidade e transformação política coletiva e pessoal.

Desta forma surgiu a Casa da Lagartixa Preta (CLP). Após dois anos de atividades do coletivo, percebemos que fazer propaganda e atividades de rua era insuficiente. Nossa proposta era construir outras relações através de princípios libertários. A busca foi por um espaço que seria não só um lugar onde realizaríamos reuniões, mas também um lugar que nos permitisse ter uma horta e biblioteca comunitárias e que fosse um ponto de referência para nossa organização e para a realização do que acreditamos.

A Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa" está localizada próxima ao centro do município de Santo André (SP), no ABC paulista (região que reúne sete cidades que têm origens comuns, além de certa integração geográfica e política). Ganhou forma em uma casa alugada muito antiga, com um grande terreno (10mx32m), o que tornava possível o cultivo de uma horta. Atualmente, o bairro Casa Branca, originalmente habitado por famílias proletárias das quais restaram principalmente pessoas idosas e aposentadas, vem



Casa da Lagartixa Preta, 2004



Casa da Lagartixa Preta, 2005



Cartaz de Inauguração da Casa, 2004

sofrendo com a especulação imobiliária e está se verticalizando; muitas casas do mesmo período que a nossa estão sendo demolidas para a construção de grandes prédios, sobradinhos com muitas vagas para carro e condomínios para a nova classe média, afetando negativamente o potencial inexplorado do lugar em termos de convívio com a vizinhança e hortas domésticas, por exemplo, que imaginávamos que o bairro poderia ter quando alugamos a Casa.

Em março de 2014, a Casa da Lagartixa Preta completou 10 anos de existência e acreditamos que sua história e nossas experiências, se transmitidas, trazem uma contribuição valiosa a quem pretende começar um projeto autônomo de espaço libertário.

Assim, este texto não é um manual, mas um conjunto de reflexões arquitetadas ao longo deste período sobre o que deu certo para o fortalecimento da Casa da Lagartixa Preta, levando também em consideração experiências de outros espaços e coletivos com quem tivemos parcerias, muitos dos quais, infelizmente, não prosseguiram. A impressão de que motivos similares levaram à interrupção da existência de espaços libertários nos leva a crer ser necessário registrar nossas experiências para aprendermos com os erros e acertos das diversas tentativas.

Isso é importante para evitar o sentimento de fracasso que o fim de um projeto anarquista pode trazer. Para as pessoas, o fim de um espaço libertário pode parecer uma grande perda de energia se não for canalizada como aprendizado para a memória coletiva anarquista e, socialmente, significa o fechamento de uma possibilidade dentro de um horizonte político mais radical.

Fundamentalmente, não acreditamos que um espaço libertário deva servir só como ponto de encontro ou local de realização de reuniões e debates. É preciso superar este limite para que a capacidade do espaço de se transformar numa ferramenta política se realize com abrangência, tornando-se um espaço vivo que pulse a todo o tempo.

A perspectiva do Ativismo ABC sobre gestão de espaços autônomos tem se constituído numa estratégia política estruturante e será exposta ao longo do zine.



Casa da Lagartixa Preta, 2007



Casa da Lagartixa Preta, 2008

É importante reafirmar que este texto tem como base nossas experiências práticas. Diversos pontos afirmados aqui podem ser questionados, mas estas conclusões, que fundamentam nossa construção teórica, são fruto de experimentos e ações que nos parecem ter assegurado nossa existência durante todos estes anos. Com isso, pretendemos passar adiante estes conhecimentos adquiridos, contribuindo para a existência e permanência de mais e mais espaços anarquistas por todos os cantos do mundo.

2- O COMEÇO DO ESPAÇO

Buscávamos outras formas de organização política e social para além dos partidos políticos que disputam o poder do Estado e para além do Capital, mas muito do que acontecia no campo político autonomista que conhecíamos estava centralizado no município do São Paulo. Daí a proposta de um espaço “autônomo” no ABC, tanto como um lugar de convergência para movimentações políticas locais quanto, principalmente, como a possibilidade de colocar em prática e expandir a auto-organização, a horizontalidade, a solidariedade e formas de relação não-mercantis, concebidas por nós, já na época, como dádiva, reciprocidade e ajuda mútua.

No início dos anos 2000, no contexto do fortalecimento do movimento anticapitalista e autonomista, tivemos a oportunidade de frequentar o Instituto de Cultura e Ação Libertária (ICAL, na Vila Madalena/SP) e a Casa do Movimento Ambiental Revolucionário (MAR, que se reunia em Santana/SP). Estes espaços foram referência para uma proposta desse tipo no ABC. Também mantínhamos fortes relações com outro espaço não ligado à política partidária – ainda que dotado de princípios e práticas que não compartilhávamos: o Espaço Socialista, de linha marxista (na época, coletivo e espaço localizado em São Bernardo do Campo/SP, hoje em Santo André).

Portanto, já havia uma antevisão de colaboração entre espaços, mas também bastante inexperiência. Não chegamos a ter em mãos nenhum tipo de material produzido por aquelas que tiveram alguma experiência na gestão de espaços políticos. Esta escassez de referências fez com que o Ativismo ABC tivesse de gastar muita energia para criar algo quase do nada, para fazer muito com o pouco que tinha.

Nossas ações, ao menos por um certo tempo, foram centralizadas na Casa da Lagartixa Preta: organizar atividades e pagar as contas em dia, o que nos dava pouco tempo para reflexão. Passávamos muito tempo “apagando incêndios” e pouco confabulando construções coletivas a longo prazo. Ainda assim, ganhamos maturidade pessoal e coletiva. Conforme a gestão do espaço foi se estabilizando, a experiência inicial fez surgir modelos mais rotineiros de ação e organização cotidiana.

Seguimos mantendo relações de solidariedade com outros coletivos e espaços, duradouros ou não, pois percebemos a importância disso para a continuidade de nosso projeto.

Melhoramos nossa visão do espaço como uma ferramenta política de transformação de fato, porque nossa vida cotidiana precisava se transformar para que déssemos conta dele, assumindo formas de responsabilidade e usufruto do apoio coletivo que até então nos eram desconhecidas.

Organizar-se localmente e relacionar-se em “rede” com outros coletivos demandava uma alteração da

própria vida que forçava certo distanciamento em relação ao trabalho e à mercadoria capitalistas. Sem que pudéssemos, contudo, romper de vez com estas dependências.

A partir disso, reflexões políticas mais densas passaram a atravessar o coletivo, colocando-nos diante de um extenso material para análise.

Em 2009, realizamos uma conversa com um companheiro da Organização Anarquista Socialismo Libertário (OASL) sobre organização e estratégia. No debate, ficou claro que tínhamos perspectivas diferentes a respeito destes temas, porém não tínhamos sistematizado nossas ideias. Desde então, o coletivo passou a se dedicar à organização de ideias a respeito dos princípios que já seguia e à formulação de objetivos e estratégias para nossas ações que possibilitassem análises posteriores, sempre tendo como base a diversidade de nossas experiências dentro e fora da Casa da Lagartixa Preta. Passamos muito tempo agindo duas vezes antes de pensar, como diz o ditado. Agora, depois de um longo período de muita prática e experiência, chegamos ao momento de sistematização de ideias sobre nossas ações. Se antes agir tinha sido urgente, hoje nossa urgência é outra: expor nossas propostas de forma acessível às outras pessoas, num processo dialético de busca teórica e de outras perspectivas de organização política e estratégia tanto para elas quanto para nós mesmas.

A relação Micro-Macro

"O que você alimenta quando se alimenta?"

(frase escrita na cozinha do Ciclovida, terra autônoma em Pentecoste/CE)

De modo simplificado e esquemático, consideramos que nossa estratégia política acontece em duas esferas interdependentes, classificadas como "micro" e "macro". Veremos que estas esferas, quando não antagônicas entre si, constituem um contínuo progressivo no qual "micro" e "macro" tornam-se os limites extremos.

Para começar, consideramos as relações da nossa vida cotidiana (com quem vivemos, como vivemos, o que comemos, como lidamos com conflitos interpessoais, como gerimos espaços coletivos, como produzimos alimentos, etc.) como pertencentes à micro esfera, e as relações que temos com estruturas e instituições (Mercado, Estado, sistema de saúde, sistema educacional) como pertencentes à macro esfera.

Tomemos o exemplo concreto.

Estamos na gestão da Casa da Lagartixa Preta desde 2004, e dentro deste período conseguimos constatar diversas mudanças no coletivo e na sociedade em que vivemos. Podemos dizer que avançamos em muitos aspectos.

O coletivo que inicialmente era composto por pessoas com conhecimentos parciais sobre os temas mais fundamentais da manutenção de um modo de vida cotidiano que se distancia do capitalismo e da política institucional hoje é constituído de pessoas com saberes diversos geridos e distribuídos coletivamente para fundamentar uma autonomia social. Pessoas da vizinhança que nos viam como intrusos, hoje são conhecidas

que nos respeitam, amigas, frequentadoras e colaboradoras do espaço. Expandimos e amadurecemos experiências comunais e decisórias, procurando maneiras de evitar que desentendimentos rotineiros saiam do controle ao ponto de gerar intrigas ou rachas dentro do coletivo. Somos também capazes de construir coisas coletivamente sem depender da contratação de especialistas. Quando não sabemos algo buscamos o conhecimento em alguém ou grupos que possuem tal conhecimento e gostaria de compartilhar. Desta forma, procuramos descentralizar conhecimentos e dialogar com pessoas diversas. Assim, repensamos nossos princípios, como a busca de horizontalidade entre saberes diferentes e a possibilidade de fazer experimentos para escolher a melhor proposta (o que teorizamos na forma da “diagonal com tendência a horizontal”*) e formas de solução de conflitos e comunicação não violenta que começamos agora a conhecer.

Poderíamos dizer que na esfera micro aprendemos bastante e consolidamos muitas relações indispensáveis para uma mudança política e social. Entretanto, na esfera macro a situação é diferente. Atualmente, o bairro Casa Branca, originalmente habitado por famílias proletárias, vem sofrendo com a especulação imobiliária e está se verticalizando; muitas casas do mesmo período que a nossa ou posteriores(décadas de 1950/60) estão sendo demolidas para a construção de grandes edifícios, sobradinhos com muitas vagas para carros para a nova classe média, afetando negativamente o potencial inexplorado do lugar em termos de convívio com a vizinhança. A especulação imobiliária continua avançando na cidade. A crescente construção de prédios, o discurso midiático da “segurança” versus “violência”, os shopping centers como espaços privilegiados de sociabilidade inclusive pelas classes mais baixas, além do uso intensivo e consumista de formas de comunicação eletrônica (telefones celulares, videogames, “redes sociais”) vão fazendo com que os laços mais próximos e a cultura de vizinhança percam cada vez mais força ou mesmo desapareçam. Com isso, conhecimentos, informações e relações com potencial autonomista (ervas medicinais circulando entre a vizinhança, mutirões, festas comunitárias, proteção mútua, solidariedade no cuidado com as crianças, etc.) também se perdem. Centralizam-se cada vez mais os muitos aspectos da vida nas relações mercantis garantidas pelo Estado. Apesar de apontadas separadamente, estas esferas formam o todo e, por isso, não podem ser analisadas separadamente.

Mas nossas práticas e construções na esfera micro só terão maior impacto na esfera macro se forem expandidas. Nesse sentido, é importante a constituição do macro através dos enredamentos das micro-esferas pelas alianças, associações entre coletivos, formação de confederações, intercâmbios entre diversas localidades ou relação de ajuda mútua entre grupos. Ao mesmo tempo, não adianta trabalhar apenas na esfera macro se as relações da esfera micro estão em desacordo e em constante conflito com o que se tenta construir.

Do que adianta lutar contra as grandes instituições para a construção de um poder descentralizado se a maioria dos projetos de pequena escala não funcionam? Do que adianta sonhar com uma sociedade baseada na autogestão se as próprias organizações e grupos libertários são marcados por brigas e rachas? Ao mesmo tempo, a política da luta contra as práticas centralizadas de poder não pode se transformar em luta contra coletivos aliados, sobretudo quando se busca uma sociedade e um modo de vida no qual a luta possa, também,

dar lugar à solidariedade. As macro-relações que procuramos são uma progressão, como num fractal, das micro-relações que estabelecemos. Micro-relações estas que se opõem diretamente às macro-relações constituídas dentro da sociedade capitalista. Micro e macro, para nós, nunca aparecem em termos hierárquicos, eles compõem o mesmo horizonte, em continuidade. Não é possível viver o macro sem o micro, nem o micro sem o macro, pois são inter-relacionados. A parte mínima e a parte máxima se tornam difíceis de serem diferenciadas, assim como num holograma: o todo só pode existir pois está nas partes que o compõem.

Como essas duas esferas são interdependentes, a existência de coletivos especializados em qualquer uma das duas é pouco frutífera e pode dificultar os diálogos entre as pessoas e os grupos.

A sociedade atual vive em função de estruturas macro que levaram centenas de anos para serem constituídas através de esferas micro.

Antes da conformação de uma sociedade burguesa, haviam artesãos, mercadores e banqueiros que agiam a margem do poder dos senhores feudais, vivendo principalmente nas vilas e cidades. Para garantir um mínimo de proteção contra a violência, as incertezas dos negócios e o assédio da nobreza é que se organizaram as primeiras associações internacionais de artesãos e mercadores, primeira esfera macro de organização burguesa. Sem as práticas cotidianas nas viagens de feudo em feudo, nos comércios de rua, da experimentação de técnicas inovadoras e do jogo duplo com a nobreza, a burguesia não teria constituído redes que possibilitaram sua ascensão, em associação com parte da nobreza nas monarquias nacionais modernas, que engendraram o surgimento do Estado burguês.

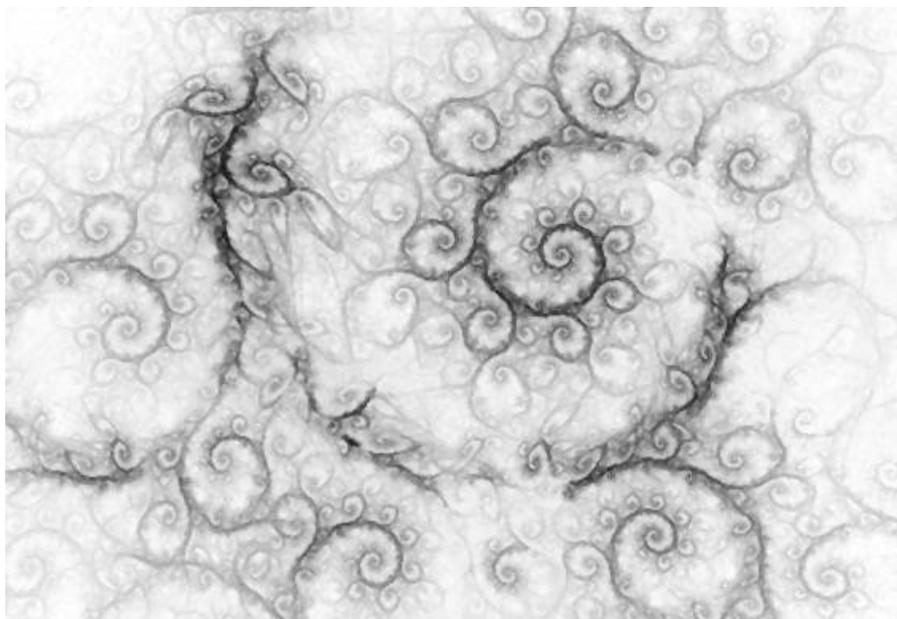
A lógica de criação tecnológica segue o mesmo princípio resolvendo micro-questões que geram macro-estruturas. Assim ocorreu com as primeiras máquinas a vapor, os primeiros teares, que eram destruídos pelos artesãos concorrentes quando percebiam na máquina a obsolescência do trabalhador, e apenas posteriormente se converteram em um sistema industrial de produção. Apesar de vivermos na era das "tecnologias avançadas", a base dessas tecnologias é desconhecida pela maioria dos usuários, incapazes de resolver problemas mínimos nos sistemas operacionais de seus computadores ou mesmo consertar um liquidificador quebrado. Isso só aumenta sua dependência de uma esfera macro cuja conexão com a micro dificilmente pode ser traçada a não ser por especialistas, dentro de uma relação capitalista, em que a especialização se transforma em mercadoria.

A macro-estrutura burguesa não apenas se reproduz diretamente nos costumes, mas também impõe sua reprodução através de uma macro-visão, um horizonte, que se mostra como único possível. A introjeção de uma cultura de medo e subserviência ao capitalismo e ao Estado e a fragmentação da vida cotidiana mantêm as pessoas atreladas a este modo de vida alienante. Quando retomamos os conhecimentos que regem nossa existência individual e coletiva, esta cultura perde força e um novo horizonte surge com o resgate da autoconfiança popular.

Uma maneira de construir relações pautadas pelo apoio mútuo, por uma lógica anti-utilitarista, é retomar o contato com a terra como base material elementar dos modos de vida humanos. A reapropriação de saberes tradicionais proporciona o questionamento da superespecialização e da fragmentação imposta pelo

capitalismo e pelo Estado. Deter esses conhecimentos é estabelecer fortes relações de controle e poder popular. Difundi-los pode ser uma estratégia de redistribuição e retomada do poder.

Assim, propomos retomar o todo que nos é alienado a partir da contínua reformulação de nossas vidas cotidianas sempre em contato com diversas outras vidas. Surgiria, então, um modo de vida elaborado por meio da tomada de consciência sobre todas as práticas cotidianas necessárias à vida e às maneiras como podemos colaborar em meio a tal diversidade.



Fractal vem de “fragmento”. Então, o fragmento (a parte) forma o todo, e o todo forma o fragmento (a parte)

* “Diagonal com tendência horizontal” é um dos nossos princípios, presente carta de princípios repensados a partir da nossa prática que será publicada em breve. Baseia-se na busca de horizontalidade reconhecendo as diferentes capacidades, experiências, graus de envolvimento e diversidade de conhecimentos. Na transmissão de conhecimentos e tomada de decisões, a experiência de uma pessoa precisa ser balanceada a partir das diferenças das outras. Novatas devem respeitar as propostas das mais experientes, mas devem ser levadas em consideração já que sua experiência desconhecida pode ser inovadora. Em caso de divergência, experiências diferentes podem ser postas em prática. Reconhecendo as diferenças de poder é possível questionar seu monopólio e criar diferentes focos de poder, multiplicando os polos ao invés de monopolizar.

Estratégia: "Coletivo -> Espaço -> Território"

"O mapa não é o território" (Alfred Korzybski)

Nossa estratégia política parte desta relação entre micro e macro como constituição das relações que caracterizam um modo de vida ou cultura (no sentido antropológico). Por isso, concebemos a política anarquista também como um processo geracional, que possibilite uma mudança radical a longo prazo, evitando a

fragmentação e o “começar do zero” que muitas vezes marcam a história de coletivos libertários. É o sucesso das micro-esferas hoje, em sucessivas escalas de ampliação, que pode viabilizar estruturas macro no futuro.

Existe no campo da política radical uma estratégia típica de ataque direto às macro-estruturas, como se as micro-estruturas já estivessem garantidas ou como se pudessem ser recriadas “por decreto” ou “depois da revolução”. A perspectiva marxista clássica (tomar o Estado para só então mudar a sociedade) trata o Estado como uma instituição neutra passível de ressignificação através da mera mudança de gestores. Considera-se que o trabalho fabril traria às pessoas a base para a revolução. Sabemos que esta forma de trabalho mantém as pessoas alheias à maioria dos processos dos quais dependem suas vidas, tendo acesso a eles cada vez mais pelas relações monetárias e pelo consumo de mercadorias. Como um trabalho tão fragmentado pode gerar as bases de um modo de vida libertário? Os meios para se atingir um fim precisam ter, em si, algo deste fim. Meios autoritários tendem a não atingir fins libertários.

No anarquismo também é comum este tipo de equívoco, especialmente quando existe a aposta de mudança social através da autogestão das instituições capitalistas (as fábricas, por exemplo), como se sua organização e tecnologia não estivessem, em si, dotadas dos mesmos princípios que mantêm vivo o Capital, como a hierarquia piramidal da produção fundada na fragmentação técnica que se costuma chamar de “especialização”. Para nós, duvidar da criação repentina de uma sociedade libertária em grande escala não quer dizer que não acreditemos no poder da inventividade humana. A criatividade imaginativa pode conceber horizontes ainda inexistentes, mas esta imaginação deve ter uma conexão com a vida concreta e as práticas cotidianas; ideias e feitos alimentando-se mutuamente.

Nesse sentido, a política anarquista tem muito a aprender com o estudo de culturas “não-ocidentais”; experimentos diversos de modos de vida concebidos de maneiras que, quase sempre, estão além da nossa imaginação, além do capitalismo. Isto traz novo fôlego às reflexões libertárias, que muitas vezes ficaram restritas a pensar sua própria história dentro de uma evolução da sociedade enquadrada por uma perspectiva eurocêntrica, priorizando análises de conjuntura presas aos limites da macro-estrutura dominante.

Concebemos uma estratégia que vai do coletivo ao espaço e do espaço ao território. Vemos um espaço libertário como um local onde podemos multiplicar nossas relações cotidianas até a constituição de um território, ou seja, uma conexão entre espaços.

Quanto mais disseminado este processo, quanto mais espaços libertários apropriarem-se dos elementos que constituem a plenitude de suas vidas, ampliarem seu campo de ação e apoiarem-se mutuamente constituindo juntos um ou vários territórios, mais próximos estaremos de modos de vida libertários amplos que poderão, talvez um dia, superar o sistema capitalista e o Estado.

Esses territórios são, muitas vezes, descontínuos: relativamente distantes geograficamente, podem estar conectados por rotas e intercâmbios variados, mantendo vínculos entre coletivos e espaços relativamente distantes.

Além disso, tais territórios podem não estar totalmente desconectados das macro-estruturas

dominantes. Fazendo uma comparação ecológica, espécies mais frágeis sobrevivem muitas vezes predando marginalmente as espécies dominantes. Coletivos e espaços associados territorialmente precisam não só resistir como também retomar da macro-estrutura dominante os recursos que ela usurpou e que acumula, assim como as pessoas que ela controla. Mas não podem fazer disso o foco principal de suas atividades, senão serão meros parasitas fazedores de "projetos culturais". Para evitar isso, é preciso que o foco principal da atividade seja a constituição de um modo de vida independente em constante ampliação, que seja potencializado por esses recursos e pessoas mas que não se submeta a eles.

Para tanto, é preciso reconhecer uma assimetria de forças que deve ser continuamente revertida: micro-estruturas libertárias não têm como se relacionar de igual para igual com macro-estruturas dominantes sob o risco de serem destruídas ou englobadas. Assim, estratégias de "combate" às instituições dominantes não podem empregar as mesmas táticas que estas instituições nem confrontá-las em seus aspectos mais fortes (como as forças de repressão) ou mais insignificantes (como as vidraças de bancos). O sucesso de um espaço autônomo pode depender muitas vezes de que ele não seja notado pela ordem dominante como uma ameaça. É preciso posicionar-se com astúcia e cautela perante as instituições totais, procurando extrair delas o que for necessário, sempre levando em conta não só que as práticas cotidianas que constituímos são diferentes mas que tais práticas diferentes precisam de um tipo específico de segurança e proteção. Segurança e proteção que aumentam quando diversos coletivos se apoiam mutuamente.

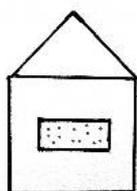
Diversas vezes o Ativismo ABC participou da composição de redes e coalizões de coletivos e espaços libertários, tendo a grande maioria se dissolvido após algum tempo. Estas estruturas macro se mostraram frágeis quando as estruturas micro não conseguiram se manter de forma durável. Por isso temos nos dedicado tanto às estruturas básicas, sem nunca deixar de lado a composição de estruturas mais amplas, duplo experimento visando constituir um princípio federativo mais duradouro e menos fantasioso.

Vale enfatizar que, para nós, o princípio federativo tem mais sentido enquanto laços organizacionais e de modo de vida do que apenas laços organizacionais. Buscar autonomia somente através da participação em organizações autogeridas, sem a transformação dos vários aspectos que formam a totalidade da vida cotidiana

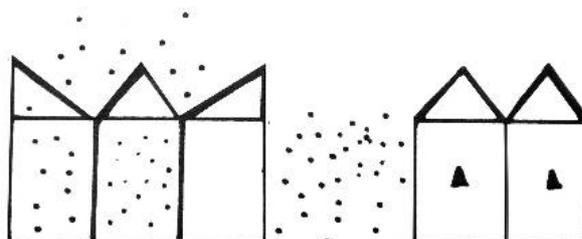
Coletivo



Espaço



Território



(saúde, produção, intercâmbio, aprendizagem, alimentação, relacionamentos, etc.), mantém o grupo "autônomo" extremamente dependente da estrutura dominante. Todavia, um coletivo mal estruturado não tem capacidade de dar força para outros coletivos. Por isso, não pode abdicar da organização interna e da independência relativa suficiente para que se dedique aos demais.



Manifestação Setembro/2001 em São Paulo

Assim, a ideia de federação precisa ser tomada em seu sentido próprio, como associação entre associações, como coletivo de coletivos, e não apenas como associação de indivíduos que atuam num território. O Ativismo ABC não pressupõe que a região do ABC paulista seja nosso território libertário, mas sim que é o ambiente no qual podemos começar a constituir-lo, simplesmente porque é o local onde muitos de nós crescemos, vivemos e formamos nosso coletivo e espaço. Nesse sentido, para que surja um território libertário no ABC, é preciso que diversos outros coletivos e espaços libertários sejam fomentados e associados na região. Para isto, o Ativismo ABC tenta incentivar a criação de outros coletivos e espaços através da experiência vivida e da convivência pessoal e política. Consideramos que disseminar nossas propostas passa por uma propaganda pela ação cotidiana, tendo como exemplo a transformação de nossas próprias vidas pessoais, relacionando-se com os demais coletivos através do apoio mútuo e do diálogo entre diferentes saberes, tentando transmitir nossas experiências e conhecer a experiência dos outros. Cada coletivo, conforme seus nichos, ambientes e pessoas diferentes, conta com formas de ação locais que podem interagir colaborativamente com outros coletivos que circulem pelo mesmo espaço ou componham outros espaços no mesmo território.

Nesse sentido, a federação não precisa ser concebida como uma rotina permanente de assembleias, focada mais na organização do que nos diversos aspectos da vida cotidiana, o que poderia levar à burocratização e à supervalorização do poder de delegados e representantes em plenárias, comprometendo a liberdade dos coletivos envolvidos. Ela não precisa englobar todas as pessoas e coletivos o tempo todo, mas sim propiciar a todas envolvidas, sempre que precisarem, o apoio de coletivos parceiros, apoio que se dá nos mais variados aspectos da vida. E que demanda reuniões e assembleias, mas que não pode estar preso a elas. A organização política deve estar interrelacionada com a organização da vida cotidiana em suas interações práticas.

Comemoramos 10 anos de autogestão de um espaço alugado e, dentro do universo anarquista brasileiro, isto é algo raro, já que poucos espaços anarquistas perduram. Nesse tempo de Casa da Lagartixa Preta, somado aos anos anteriores de existência do Ativismo ABC, passamos por bastante autocrítica e reflexão.

Identificamos que, quase sem querer, cometemos alguns acertos em nossos passos iniciais que parecem ter garantido a longevidade do projeto. Alguns deles por pura sorte, outros por planejamento e amadurecimento político. Observando, também, ao longo deste período, outros espaços libertários que encontraram cedo demais o seu fim, identificamos problemas de gestão que acreditamos poderem ser evitados a partir de situações que experimentamos e ações que adotamos.

"Um coletivo em função do espaço" versus "Um espaço em função do coletivo"

Vimos que a maior parte dos espaços que fecharam sofreram com a falta de um coletivo bem definido, sendo comum a dificuldade de responder a uma pergunta simples e direta: "Quem é membro do coletivo gestor?". A inexistência de um coletivo gestor evidente dificulta a divisão de tarefas importantes, dificultando assim a compreensão de por que algumas coisas dentro do espaço dão ou não dão certo. Gerir um espaço autônomo exige responsabilidade, auto-disciplina (já que não há chefes) e dedicação a algo que não traz retornos nas formas como a maioria está acostumada: o salário e o lucro. Na sociedade burguesa estamos acostumadas a ambientes de irresponsabilidade. A divisão social do trabalho baseada na profissionalização faz com que não enxerguemos nossa parte do resultado final do processo coletivo, não nos responsabilizando pelo todo, mas por pequenos fragmentos. Assim, é possível cometer as maiores atrocidades e genocídios com a desculpa de estar apenas "cumprindo ordens". A realidade da gestão de espaços autônomos é bem diferente, pois exige que as responsabilidades específicas estejam diretamente atreladas a uma visão total de funcionamento do espaço, com um potencial grande de novas responsabilidades surgirem e as mesmas serem assumidas pelo coletivo.

O coletivo Ativismo ABC surgiu no início de 2002 e o projeto da Casa da Lagartixa Preta em 2004. Começamos o coletivo com o propósito de ter uma movimentação política autônoma na região do Grande ABC, mas que também somasse forças com as organizações anti-globalização que aconteciam no município de São Paulo. Participamos ativamente na organização de protestos em São Paulo junto à coalização da Ação Global dos Povos (AGP) e na organização de protestos e atividades com outros grupos e movimentos na região do Grande ABC, como o Espaço Socialista, o Projeto Meninos e Meninas de Rua de São Bernardo (ligado ao município e gerido por punks e militantes de esquerda) e a Cooperativa de Bandas Independentes de Mauá (grupo de punks que geriu o centro comunitário público do bairro Sônia Maria durante um certo período).

Com o constante enfraquecimento dos protestos a partir de 2003, surge a ideia de um espaço físico no sentido de conquistar estabilidade política sem depender de um cenário de manifestações pautadas por macro-eventos do capitalismo global. Organizamos uma dezena de shows para termos um fundo de reserva a fim de alugar um espaço e ainda ter uma folga financeira para alguns meses de gestão. Também reservamos uma quantia como calção para aquele que seria a pessoa fiadora de nosso aluguel, um companheiro do Espaço Socialista. Não queríamos que os shows fossem eventos politicamente descaracterizados, dávamos o nome aos eventos de "Som com Causa pela Casa", em contraposição à uma intervenção feita, onde o jornal regional de

ATIVISMO ABC
ORGULHOSAMENTE APRESENTA:

"PUNK ROCK COM CAUSA E PELA CASA"

Após uma série de Ações Anti-Capitalistas, o **ATIVISMO ABC**, tem um objetivo ousado, abrir um centro cultural, um local para realização de discussões, cursos livres, oficinas, acesso gratuito à Internet, hortas comunitárias e muito mais.

Mas para que tudo isso possa ser realizado, será necessário a arrecadação de fundos para os custos básicos da casa como aluguel, reforma e manutenção, água, luz, servidor de internet, entre outros.

Assim, algumas bandas Punk / Hardcore aceitaram o compromisso de tocarem para ajudar. Agora pedimos sua ajuda, **compareça e colabore!**

INGRESSO: R\$ 5

DIA 02/08
Das 17 às 22hs

SOM COM AS BANDAS:

DESERDADOS **TERCERA CLASSE**
HORMONAL FLUX **VAPAUS**
BANCARRÒTTA **E outros**

Local: AUDITÓRIO DA CURSON - R. D. Eliza Fláquer, 247 - Centro de Santo André (próx. ao Shoopinho Santo André) Informações: 9662-2904 - ativismoabc@uol.com.br. (Dá pra ir a pé da estação de trem de Santo André, ou da parada de trólebus em frente a ETE Júlio de Mesquita)

Cartazes dos primeiros "Sons Com Causa pela Casa"

ATIVISMO ABC
ORGULHOSAMENTE APRESENTA:

Dia 25/outubro, 3º som pela Casa, com:

AUTOGESTÃO
VAPAUS
POINT OF NO RETURN
ATO PÚBLICO
PSYCHO 11

A partir das 17hs

Ingressos R\$ 5

Local: AUDITÓRIO DA CURSON - R. D. Eliza Fláquer, 247 - Centro - Santo André - Informações: 9662-2904 ou ativismoabc@uol.com.br. (Ao lado do Shoopinho Sto André, dá pra ir a pé da estação Santo André, ou da parada de trólebus em frente a ETE Júlio de Mesquita)

Palestra e debate sobre o uso de alimentos transgênicos.

maior circulação nos chamou de "rebeldes sem causa". Os shows mantinham a seguinte estrutura: duas bandas tocavam, seguia-se um debate com algum movimento social ou convidada e mais outras duas bandas tocavam. Geralmente alugávamos um salão no centro de Santo André, cobrávamos entrada e vendíamos comidas e bebidas no local.

Todo este processo de organização de manifestações e dos "Sons com Causa pela Casa" sempre exigiu um ambiente de responsabilidade de todas as pessoas envolvidas. Obviamente surgiram problemas, mas, por termos atividades mais pontuais, que não exigiam determinada frequência, as responsabilidades assumidas geralmente eram cumpridas, e mesmo que aparecesse algum problema, este era facilmente trabalhado. Quando alugamos o espaço, já tínhamos uma bagagem de organização e realização de trabalho coletivo de pelo menos dois anos, o que nos parece uma característica fundamental para a longevidade da Casa da Lagartixa Preta.

As responsabilidades de gestão de um espaço são muito pesadas e passaram a exigir um comprometimento maior e cotidiano de todas, algo muito diferente do período de manifestações ou eventos esporádicos. Tal fato levou algumas a se afastarem. Este processo coletivo, partindo de uma atuação política mais pontual (manifestações), nos deu certo preparo para uma atuação política mais complexa (gestão de um espaço e realização de experimentos libertários), o que nos trouxe amadurecimento político, mais firmeza e tranquilidade.

Vimos muitos espaços fecharem por não terem uma bagagem coletiva anterior ao espaço nem um coletivo claro de gestão. Nesse sentido, nossa experiência sugere que a constituição de um coletivo é um elemento inicial. Daí a progressão "Coletivo → Espaço → Território", que será retomada adiante.

Portanto, se se pretende ter um espaço autônomo, tentar consolidar um coletivo e dar certa maturidade prática a ele antes de ir atrás de uma casa para alugar ou ocupar pode ajudar muito. A formação de um coletivo é mais fácil quando já existe um grupo de afinidades local, ou seja, pessoas que se identificam com elementos do

anarquismo, se conhecem e fazem algumas coisas juntas. Neste caso, basta fazer uma reunião com este grupo de afinidade a fim de formalizar a criação de um coletivo anarquista, o que exigirá um foco de ação para o coletivo, que pode variar de acordo com a perspectiva das envolvidas. A dificuldade é maior onde não existe um grupo de afinidades anarquistas, sobretudo longe dos centros urbanos ou de áreas de formação de movimentos políticos no campo. Grupos ou organizações baseados em princípios anarquistas só podem surgir a partir do encontro de pessoas. Sozinha, uma pessoa precisa buscar estratégias de atração, como a distribuição de fanzines, exibição de filmes de caráter político ou grupos de estudos abertos. Atividades abertas e bem divulgadas possibilitam o encontro de pessoas que possuem afinidades políticas, mas que ainda não tiveram a oportunidade de compartilhá-las e fortalecê-las. A partir destas situações de sociabilidade, torna-se mais fácil o surgimento de um coletivo anarquista.

O uso da internet neste processo pode ajudar muito, mas parece-nos necessário que seus encontros sejam presenciais. O uso da lista de e-mails foi durante muito tempo uma forma importante de comunicação do Ativismo ABC e um índice de pertencimento ao coletivo. Mas a comunicação por internet não bastava. Para ser membro era necessário participar das reuniões e atividades. Hoje, com as novas "redes sociais", vê-se o surgimento de diversos coletivos virtuais que têm conexão quase nula com a realidade concreta, presos a uma ilusão de militância "na rede" incapaz de constituir os elementos básicos de um cotidiano libertário através do contato humano.

O apoio de coletivos e movimentos já existentes, seja de perto, seja de longe, é importante neste momento inicial. Sobretudo quando estes coletivos têm mais acesso a recursos diversos e privilégios propiciados pelas condições vigentes (na cidade grande: acesso à informação, transporte fácil, mais recursos econômicos e; no campo: acesso à terra e a conhecimentos básicos de manutenção da vida e até saberes "não-ocidentais").

O Ativismo ABC foi constituído inicialmente por cerca de três grupos de afinidade (aos quais se juntariam outros nos anos seguintes) – pessoas amigas e colegas que se conheciam graças à escola, faculdade e o meio punk – motivados por um chamado comum de ação e uma vinculação às atividades da Ação Global dos Povos (AGP) que já aconteciam em São Paulo. Devido a este encontro tivemos desde cedo a diversidade como um de nossos princípios – um princípio federativo que já se fazia embrião dentro do coletivo. Também a existência de outros espaços e movimentos alimentou nosso surgimento, não só através do apoio físico (como móveis doados pelo coletivo Ação Local por Justiça Global, vindos do ICAL, dentre outras doações feitas por diversas pessoas, coletivos e editoras anarquistas) mas também fazendo com que a ideia de "rede" concebida a partir dos grandes protestos se apresentasse como um horizonte possível. Mas que, para ser atingido, demandaria outra forma de investimento coletivo.

Quando defendemos a criação de coletivos como fundamental para a formação de um espaço, não queremos dizer que antes disso não haja nenhuma organização política na vida de ativistas e militantes formem o coletivo. Mas sim que formas diferentes de organização coletiva são necessárias para uma outra forma de

fazer esta política, mais construtiva e que englobe mais aspectos da vida. Se considerarmos que os grandes incentivadores da luta anti-capitalista na América foram as Zapatistas, muito antes dos anos 2000, vemos que suas vitórias políticas têm como base a existência prévia de coletivos indígenas fortemente vinculados a um modo de vida anti-capitalista em luta pela retomada de seu território. Mas a macro-estrutura que nos engloba, o modo de vida burguês, tem por fundamento a fragmentação das relações humanas e o isolamento individualista, uma unidade acumuladora baseada justamente na fragmentação. Portanto, a formação de grupos aparece como primeira necessidade de emendar a fragmentação, rompendo com a ideia de unidade dominante.

Também não descartamos que um coletivo não possa existir com o intuito específico de criar um espaço libertário. Mas sugerimos que se experimentem outras práticas antes, a fim de que o coletivo ganhe maturidade, de modo que o horizonte de gestão do espaço fique mais claro, menos turbulento.

Observamos em coletivos um processo inicial de “agitação” seguido de um processo de “decantação” – muitas pessoas entram, umas saem e outras ficam – e recomendamos que o coletivo passe por este processo antes de começar a gestão de um espaço, sob o risco da gestão do espaço recair sobre as poucas pessoas que restarem. O Ativismo ABC teve uma reciclagem intensa de membros ao longo dos anos, com a permanência de algumas poucas durante toda ou a maior parte do tempo. Em média, uma dúzia de membros tem formado o coletivo. O momento em que contávamos numericamente com mais gente (trinta pessoas), foi exatamente o momento em que estávamos para alugar um lugar e o momento marcante foi a assembleia em que decidimos que íamos alugar o que viria a ser a Casa da Lagartixa Preta. Alugada a casa, chegou a fase das indefinições e das questões: o que fazer com o espaço, como manter o espaço ativo, como arrecadar dinheiro para as reformas e o aluguel. Neste processo, muitas pessoas debandaram. A responsabilidade de manter um espaço que exigia permanência, continuidade e comprometimento fez com que algumas pessoas se afastassem do coletivo. No entanto, também tínhamos membros persistentes e princípios políticos básicos que definiram um sistema de divisão de tarefas e responsabilidades mínimas das pessoas membros.

A existência de um coletivo para a gestão de um espaço expande a possibilidade de novos coletivos e espaços surgirem. O já mencionado ICAL possibilitou o surgimento de outros coletivos e propostas, como a Ação Local por Justiça Global (ALJG) e a Lumiar, uma escola com projeto político-pedagógico libertário que também teve um curto período de vida dentro destes princípios, mas que veio dar algum tipo de apoio à nossa proposta (nossa relação com a pedagogia libertária se fortaleceu graças a presença de membros do AABC no projeto da Lumiar). Este processo tem se repetido no ABC, no convívio com e na Casa da Lagartixa Preta, em diálogo direto com o Ativismo ABC, mas com perspectivas e ações independentes. Sobretudo no período pós Jornadas de Junho-Julho de 2013.

As grandes manifestações e revoltas populares fomentam o surgimento de diversos coletivos, mas para sobreviverem a este momento específico, para além do “fogo de palha”, cabe aos coletivos buscarem práticas, estratégias e horizontes que não se resumam aos protestos, buscando construir de imediato o que se quer para o futuro. Para isso é importante construir ou mesmo ter em mente o que se quer com o coletivo e o que pretende-

se fazer.

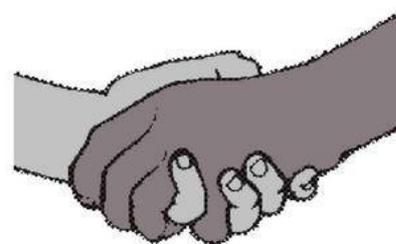
A formação de um espaço autônomo é um processo bem delicado e que exige muita paciência porque os espaços são vistos muitas vezes como “centros culturais” alternativos, tendo sua capacidade de atuação política subestimada. Quando há um comprometimento das frequentadoras com o coletivo e o espaço, fortalecendo vínculos e não sobrecarregando pessoas – compromisso que precisa ser sugerido pelo coletivo gestor – há mais chances do espaço não ser visto apenas como um local de consumo de cultura “alternativa”, visão utilitarista típica do mercado de entretenimento. Antes de termos um espaço, fazíamos nossas reuniões em praças e parques da região do Grande ABC. Naquele momento, nossas ações não requeriam ter um lugar fixo próprio, ou seja, a existência organizacional do coletivo, por si só, não dependia disso. Portanto, a primeira pergunta a ser feita é: por que, então, ter um espaço?

Esta pergunta não precisa ter como resposta um extenso projeto político, mas deve ter alguns objetivos claros. Por exemplo: deseja-se um espaço para difundir o anarquismo através de atividades práticas. Com que frequência se realizarão as atividades? Quem participará destas atividades? Os adeptos de alguma cultura específica? Apenas pessoas amigas do coletivo? Pessoas do bairro? Curiosas? Colocar estas questões pode esclarecer os objetivos do coletivo e seu potencial de garantir sustentabilidade nos diversos âmbitos da vida cotidiana através das relações ecológicas com os grupos ao redor. Focalizar em grupos específicos pode acarretar a não participação de outros – quão importante a participação desses outros poderia ser para estabelecer relações mais libertárias? Respondendo a estas perguntas, o espaço pode ir ganhando corpo inicial, evitando o perigo de dar passos maiores do que as pernas. Conforme for dando conta destes primeiros objetivos, novos horizontes surgirão, assim como mais capacidade de seguir rumo a eles.

Depois disso, deve-se dar um passo atrás e perguntar: quem efetivamente gere este espaço hoje? Nesta questão se encontram a maioria dos problemas de não se ter um coletivo bem definido, inviabilizando a cobrança coletiva pelo cumprimento de responsabilidades assumidas pessoalmente. Nestas situações, é bem comum algumas poucas pessoas ficarem sobrecarregadas, mesmo que em assembleia tenha havido a participação de diversas outras, que aparecem muitas vezes apenas para dar sugestões. A falta de um coletivo conciso faz com que os descontentamentos não sejam ouvidos de maneira adequada, podendo resultar na crise do espaço, já que as pessoas sobrecarregadas cansam de gastar energia sem um horizonte claro e as demais não tem responsabilidade suficiente para manter o espaço sem as primeiras. O maior dos problemas é quando nem as mais, nem as menos atuantes, sabem bem o que querem com o espaço.

O Ativismo ABC passou por este momento de definição do espaço já como coletivo estruturado e com princípios políticos

REUNIÃO ABERTA DO ATIVISMO ABC



Domingão, 24/10, 14h

Venha conhecer e transformar!

**R. Alcides de Queirós, 161 - Bairro Casa Branca,
Santo André (ABC - SP).**

Perto da Firestone, do Antunes, da CUT e do King's Snooker, a 10 minutos a pé da estação Santo André.

definidos (que passaram a orientar os rumos desse espaço). Cometemos alguns erros a respeito do potencial de nossa relação com o bairro, ainda que tenhamos hoje boas relações de ajuda mútua com diversas pessoas moradoras e trabalhadoras dele. Todavia, a localização da Casa da Lagartixa Preta próxima ao centro de Santo André (onde convergem as rotas de transporte público que ligam as sete cidades da região de onde vinham e vêm a maioria das membros do coletivo), e o fácil acesso de quem vem de São Paulo, facilitou a participação de pessoas de diversas localidades do ABC e mesmo de fora dele, garantindo um valor de aluguel bem mais baixo e vínculos locais mais fortes do que se nos localizássemos no próprio centro impessoal da cidade.

Quanto à participação, o desejo de realizar experimentos fez com que, inicialmente, mais pessoas participassem das tarefas práticas (reformas, horta) do que de algumas reuniões. O fato do coletivo já ser organizado previamente facilitava o consenso, tornava possível que a não participação de algumas em reuniões não acarretasse a não contemplação de seus anseios. Todavia, o foco intenso na ação dificultava pensar juntos um horizonte comum coeso. Por isso, a participação em reuniões e, hoje, nos encontros de reflexão teórica, passou a ser responsabilidade mínima de toda pessoa membro. Nos momentos em que definimos melhor as responsabilidades das membros do coletivo, perdemos muitas pessoas cuja participação não podia ser tanta quanto necessária. Isso sobrecarregou as membros restantes, mas também reforçou sua organização, o que possibilitaria, algum tempo depois, a chegada de novas membros com uma noção mais clara do tipo de comprometimento que assumiriam. Lembrando que deixar de ser “membro do coletivo” não exclui a pessoa de nossas relações próximas e da participação no espaço. A própria pessoa pode estar sobrecarregada e precisar de um tempo para lidar com suas estratégias pessoais (educacionais, financeiras) de relação com o Capital e o Estado. Afastando-se temporariamente da gestão coletiva, mas não necessariamente do convívio pessoal, estas pessoas podem ganhar novo fôlego para retornar à participação na gestão posteriormente.

Enfim, é necessário definir um objetivo básico para o espaço, identificando quem está disposta e disponível para assumir as responsabilidades necessárias que envolvem tanto a participação no cotidiano do espaço quanto nas instâncias decisórias, assembleias e reuniões. Com isso, é possível definir e distribuir tarefas para cada pessoa, não só eventuais como fundamentais para o coletivo e o espaço: zeladoria, limpeza, abertura, manejo de horta, cuidado com a biblioteca, tesouraria (sobretudo quando se tem um espaço alugado), jornal, site, divulgação, agendamentos, etc. Estas tarefas devem ter responsáveis definidas e serem relativamente rotativas, dependendo do tempo que cada uma se responsabiliza pela tarefa. Para nós, a rotatividade e a não concentração de várias tarefas numa pessoa só evitam a sobrecarga e a especialização, distribuindo o poder de ação a todas no coletivo. Assembleias e reuniões também marcam o tempo e a intensidade das atividades do coletivo. É bom que uma reunião tenha como pauta fixa a deliberação da data da próxima reunião. A não disponibilidade de alguém do coletivo para participar da reunião deve ser avisada com antecedência e justificada. Por motivo de apoio mútuo, é importante esperar quem não consegue chegar a tempo, mas também é necessário definir o tempo máximo de atraso tolerado para o início da reunião e seu teto, evitando prejudicar as companheiras que tem outros compromissos, sejam pessoais ou de cunho coletivo. Toda reunião deve ter ata.

Assim, aquelas que não estiveram presentes podem acompanhar as discussões e se inteirar das decisões tomadas, além de deixar o registro de algo que pode ser usado no futuro.

Vivemos sob uma macro-estrutura fundada na desigualdade, de modo que nem todas as pessoas membros do coletivo sempre terão as mesmas facilidades de participação. Nisso influi renda, moradia, transporte e mesmo gênero e cor, desigualdades que afetam a mobilidade política de cada pessoa. É por isso que não se pode criar regras universais de participação e que as responsabilidades mínimas estarão sempre sujeitas ao questionamento daquelas que efetivamente queiram participar, mas que por algum motivo não conseguem. É a partir de nossas micro-relações que podemos definir e redefinir formas de reverter os privilégios do cotidiano capitalista.

Para tanto, é importante ter um canal de comunicação não-presencial bem definido e acessível cotidianamente por todas as membros. Atas de assembleias e reuniões devem ser publicadas por este canal, bem como propostas futuras, notícias, compartilhamento de propaganda do coletivo, textos, etc. O Ativismo ABC já usou listas de e-mail e, há cerca de quatro anos, faz comunicação não-presencial sobretudo pelo uso de uma ferramenta virtual de organização de coletivos chamada WE. Ademais, sempre procuramos utilizar contas e listas de e-mails de servidores seguros geridos por coletivos libertários. Utilizar formas de comunicação mais populares e mercantis, como algumas "redes sociais", pode ser importante como propaganda de ideias e eventos, atraindo mais pessoas, mas não pode ser a base de comunicação organizacional do coletivo: além do problema fundamental de segurança (já que todas as informações podem ser apropriadas pelas donas da "rede social"), a própria organização dessas redes dificulta a atuação prática por não ser dotada de ferramentas necessárias para distribuição de tarefas e responsabilidades.

Este nível de organização mínima e comunicação acessível, permanente e segura torna mais leve a disciplina coletiva e facilita a reprodução de uma cultura de responsabilidade. Como se sabe, anarquia não é bagunça; ordem não é autoritarismo. Não se pode ser cobrada por aquilo que não assumiu voluntariamente, mas também não se pode usufruir da vida coletiva sem considerar que aquelas que estão levando o projeto à frente precisam de colaboração e comprometimento.

Certamente desejamos ter mais contato com a terra e ambientes ecologicamente mais ricos, além de desejarmos nos relacionar com populações dotadas de práticas e saberes menos burgueses. Todavia, questões relativas ao acesso local por parte de interessadas potenciais, a cultura do lugar, o clima etc., são importantes para se medir qual será o nível de participação e a quantidade de pessoas necessárias para firmar o projeto.

Muito mais do que fazer uma escolha entre "cidade" e "campo", "centro" e "periferia", é preciso ter uma visão estratégica, ecológica e logística das relações que podem ser criadas entre estes polos na constituição de um território libertário descontínuo. A presença no campo e na periferia é tão importante quanto aquela no centro e na cidade, são os elos entre estes dois pólos que podem propiciar tanto espaços maiores e afluentes quanto acesso a recursos e pessoas interessadas, evitando o isolamento. O território não deve ser visto simplesmente como uma faixa contínua de terra, ainda que isso seja preferível. Nem como um meio ambiente

Experiência prática da Amanamanha

No segundo semestre de 2008, duas pessoas do AABC viajaram para Garopaba (SC) para colaborar na construção de uma escola libertária dentro da Mata Atlântica. O projeto contava com o apoio do mesmo companheiro do AABC que havia participado da fundação e gestão da escola Lumiar em São Paulo e que havia se mudado para Garopaba há alguns anos. Tinha o nome de Escola Livre Amanamanha, com características ainda mais audaciosas que o projeto da escola Lumiar.

O projeto contou com pelo menos 6 meses de apoio total de algumas membros do AABC, que ficaram a maior parte de sua estadia acampadas no terreno onde seria construída a escola. Quando chegaram, o plano ainda demandava definições. Existia um coletivo autogestor chamado Amanamanha, que contava, entretanto, com poucas integrantes, insuficientes para tocar projeto tão audacioso já em andamento.

A ideia da escola era antiga, mas demorou para ganhar corpo. O terreno já existia e os trabalhos de organização do espaço para a construção da estrutura física da escola eram pesados e diários. Frente à necessidade de inserir mais pessoas no projeto, foi organizado um encontro para apresentá-lo de maneira informal dentro da Universidade Federal de Santa Catarina (localizada em Florianópolis), com o objetivo de posteriormente formarmos um grupo de estudos dentro da própria universidade. A ideia era disponibilizar uma formação básica sobre pedagogia libertária e trazer mais pessoas para a construção física e logística da escola.

A novidade do projeto atraiu muitas pessoas curiosas e algumas poucas realmente se interessaram em participar efetivamente da proposta. Dentro deste processo de constituição de um coletivo maior e mais conciso, notou-se que a distância entre Garopaba e Florianópolis trazia diversos problemas. Se a falta de responsabilidade e comprometimento já são grandes em coletivos mais simples e com pretensões menores, imagine num coletivo que se coloca como 100% responsável pela construção física de uma escola libertária num local de difícil acesso pelas interessadas. Mais duas pessoas do AABC chegaram a passar um mês trabalhando no terreno para tentar dar força às construções, tendo aprendido bastante sobre agroecologia e bioconstrução com as pessoas idealizadoras da Amanamanha.

Conforme o ano foi chegando ao fim, a projeção para a abertura da escola foi para o ano seguinte. O coletivo vivia de altos e baixos e a necessidade de cumprir prazos (inclusive legais, com respeito à obrigatoriedade de escolarização de crianças ligadas ao projeto) juntamente com o processo de formação de um coletivo conciso foi aos poucos sufocando-o. As membros do AABC que participaram concluíram que houve um atropelamento de processo. A tentativa de formação de um coletivo coeso foi posterior à aquisição do próprio terreno para o projeto. O coletivo que surgia colocava em questão a adequação do local (Garopaba) para a construção da Escola Livre Amanamanha. A disputa de energia entre os trabalhos braçais e os trabalhos organizacionais fez com que se tornasse impossível remediar o problema.

Desse modo, notamos que é importante não somente ter um grupo de pessoas suficientes e dispostas a planejar algo em comum para, depois, tentar levar isto à prática, como também saber escolher, pragmaticamente, um local adequado.

único. No território podem estar contidos – e é preferível que isso aconteça – meios ambientes variados. Uma federação de coletivos adaptada a um território ecologicamente variado e mesmo descontínuo tem mais chance de apoiar-se mutuamente justamente por suas diferenças – uma crise que afete os recursos de um coletivo pode ser sanada pelos de outro.

A descontinuidade do território não pode ser tão grande a ponto de tornar impraticável a colaboração entre seus espaços distintos. Mesmo assim, espaços muito distantes geograficamente podem mesmo ser solidários entre si, desde que tenham bases firmes. Este é o caso da relação de apoio mútuo entre a Casa da Lagartixa Preta (localizada numa cidade do sudeste brasileiro) e o Ciclovida (experiência localizada no sertão semi-árido do nordeste do país), devido à boa estruturação de ambos os coletivos. A diferença ecológica de seus espaços se torna uma potencialidade: no período de seca que assola a região de Pentecostes no Ceará entre 2013 e 2014, o Ciclovida contou com o apoio de vários grupos, incluindo o AABC, através de eventos para angariar fundos para os trabalhos de manutenção da água no sertão. Eventos deste tipo são mais facilmente realizados em grandes centros urbanos, potencializando centros rurais de autogestão.

O que fazer com quem assume responsabilidades e não cumpre?

Nossa sociedade opera com responsabilidades curtas e grossas, muito restritas a vida fragmentada pelo trabalho e consumo capitalistas. Esquivar-nos das responsabilidades que não nos competem é uma atitude característica disto, que se manifesta num individualismo muito comum no meio anarquista. Para o AABC, gerir um espaço exige a desconstrução desta lógica, trazendo à tona a necessidade de uma auto-disciplina, autônoma e autogerida, organizada a partir da divisão de tarefas e responsabilidades de modo consensual e controlado coletivamente.

Fomos criadas em ambientes disciplinares pautados pela hierarquia piramidal, no mando e desmando. A dedicação ao ambiente de trabalho formal (emprego) é muitas vezes maior que ao coletivo e espaço. A sociedade capitalista nos induz a todo momento a uma lógica coercitiva em praticamente todos os níveis de sociabilidade. O próprio dinheiro é uma ferramenta de coerção despersonalizada e desumanizada que faz com que todos sigam ordens claras de comportamentos diários. A questão que colocamos é: como se comprometer por livre vontade?

Por um lado, o descompromisso é uma atitude pouco solidária – e até mesmo autoritária – para com o coletivo, pois força as outras pessoas a assumirem demandas alheias. Por outro, o descompromisso é forçado pelas próprias relações de dominação das quais ainda não escapamos. Por isso, é necessária a constituição de meios de vida menos mercantis e autoritários através da cooperação, apoio mútuo e dádiva, com formas de divisão coletiva do trabalho e distribuição não-mercantil dos produtos. Ao mesmo tempo que se procura facilitar a participação de pessoas desfavorecidas pela sociedade dominante, fomentando inclusive o surgimento de espaços nas mais variadas localidades. O coletivo também precisa estudar e conceber estratégias econômicas pessoais que propiciem o mínimo acesso necessário a recursos tomados pelo Capital e pelo Estado,

equilibradas com o tempo liberado para a dedicação ao outro mundo possível. Isso passa pelo compartilhamento de estratégias de faça-você-mesma e desobediência civil no consumo, transporte e moradia (reciclagem de alimentos, uso e manutenção de bicicleta, ocupações, catracas) a soluções mais coletivas para estes problemas: caronas e compartilhamento de veículos, moradia comum e até propiciar no espaço um lugar para que pessoas possam passar a noite entre uma atividade e outra.

Outra questão importante é que o tempo burguês é muito mais imediato que o autonomista. Numa cadeia de mando e obediência, uma decisão não é questionada, é tomada rapidamente e assim deve ser cumprida. Numa organização horizontal na qual a opinião de cada uma deve ser ouvida, o tempo tanto de decisão quanto de execução das tarefas fica mais estendido. Gerir este choque entre dois tempos diferentes na



Cartaz fixado na cozinha da Casa, incentivando a lavagem de louça - "sujou lavou"

vida pessoal é algo que demanda apoio coletivo. Através de reuniões, vivências cotidianas mais próximas e outros tipos de comunicação, o coletivo organiza a melhor maneira de cumprir suas atividades e se prepara para imprevistos. Quando o inesperado na vida pessoal de uma membro interfere na realização de algum projeto coletivo, é importante que haja diálogo entre a pessoa e coletivo sobre as dificuldades envolvidas. Assim, tanto as tarefas podem ser redistribuídas quanto é possível ao coletivo auxiliar na busca de solução para o problema da pessoa companheira.

Muitas vezes o ativismo político é associado ao tempo livre do trabalho, o tempo do lazer e a fuga da seriedade. Isso pode fazer com que pessoas não levem a sério seu comprometimento com o coletivo. Não é por ser séria que a atividade não-capitalista deixa de ser prazerosa. O prazer em participar de atividades coletivas e realizar tarefas e ações com que se tem mais afinidade não descarta a responsabilidade pelo compromisso assumido. Da mesma maneira, enquanto não puderem ser assumidos tantos compromissos, a pessoa pode se relacionar com o coletivo e o espaço como colaboradora esporádica, ajudando em tarefas ou mesmo propondo

alguma atividade, não necessariamente como membro do coletivo gestor. Participar do coletivo implica tanto em ter espaço para diversas propostas, realizações, vivências, quanto em trazer responsabilidades, demandas e restrições à vida pessoal, e é preciso estar preparada para isto; da mesma forma que não participar do coletivo, estabelece limites.

Por isso, é necessário ao coletivo criar ambientes nos quais suas membros possam expor suas dificuldades, anseios, desejos e objetivos políticos de modo que cada pessoa tenha certeza sobre sua vontade de estar no coletivo, o que a motiva estar ali e se o coletivo dá conta de suas prioridades. Esse diálogo faz com que pessoas que participam mais e pessoas que participam menos conheçam seus motivos e saibam o que podem e o que não podem cobrar umas das outras. Conhecendo bem quais as tarefas que cada uma assume, dividindo melhor essas tarefas e sabendo os motivos que levam pessoas a assumir mais ou menos tarefas, evita-se a acusação máxima para anarquistas: a de autoritarismo. Sendo sinceras em relação àquilo que realmente podem oferecer, evitam-se tanto que a preguiça de umas sobrecarregue o trabalho de outras quanto que o excesso de participação de algumas transforme suas palavras em palavras de ordem. Se pegar tarefas de menos diminui a efetividade do trabalho coletivo, pegar tarefas demais pode não só acumular desgaste mas também poder.

3 – ESTABILIDADE: SOBRE OCUPAÇÃO E PONTO DE CULTURA

O Ativismo ABC decidiu alugar ao invés de ocupar uma casa por pensarmos que teríamos mais estabilidade e maior duração do projeto caso não tivéssemos o risco iminente de desalojo característico de uma ocupação. No entanto, em diversos momentos nos deparamos com esse dilema. O trabalho necessário para o pagamento do aluguel levantou não só esta questão quanto a eventual possibilidade de buscarmos financiamento público como Ponto de Cultura. Tanto a ocupação quanto o Ponto de Cultura são questões distintas entre si, entretanto, podemos verificar semelhanças, principalmente no que diz respeito à durabilidade.

O processo estratégico “espaço → território” exige uma certa permanência, pois pensa as relações e estruturas políticas a médio e longo prazo. Sem esta estabilidade, a vivência coletiva e a possibilidade de interferência social do espaço pode ser sabotada tanto pela constante ameaça de desalojo quanto pela incerteza de recebimento de verba do Estado e as mudanças eleitorais.

Principalmente no contexto brasileiro, um espaço ocupado se depara com a constante possibilidade de desalojo e pode fazer com que objetivos e estratégias de médio/longo prazo ligados à localidade sejam menos exploradas. O desalojo pode acontecer em uma semana ou depois de anos de ocupação. As variáveis são imensas: o imóvel ocupado, o vínculo que se consegue estabelecer com a vizinhança, etc. Esta instabilidade pode afetar a possibilidade de continuidade do espaço e do coletivo gestor, pois em diversos momentos toda a energia se volta para resolver problemas relacionados a estas questões.

Certamente existem outras estratégias e objetivos próximos que podem ser atingidos, sobretudo quando a ocupação envolve não só a moradia de muita gente (como as ocupações de movimentos de luta por moradia)

como outros experimentos de convívio e produção coletiva. Nesse sentido, ganha-se experiência política e libertária quando as ocupantes têm um objetivo comum de busca de um modo de vida anti-capitalista e tratam de expandir esta experiência.

Quando a vida das pessoas está quase totalmente integrada à rotina capitalista, o espaço serve apenas como moradia e as envolvidas no coletivo gestor são uma pequena parcela militante junto à massa de ocupantes, os mesmos problemas de gestão e constituição de um horizonte político de um "centro cultural alternativo" podem surgir: grande parte das ocupantes torna-se somente cliente do coletivo político organizado.

A sugestão de formalização como Ponto de Cultura financiado por projetos estatais vem da aparente facilidade de se gerir um espaço quando se tem recursos garantidos, quando se é paga para isso. Há a possibilidade de comprar equipamentos (som, projetor, etc), realizar reformas e até mesmo pagar funcionárias. Entretanto, o vínculo direto com o Estado acarreta dependência financeira e suas consequências: uma verba que pode ser cortada de repente dependendo da vontade da gestão, uma mudança de gestão na prefeitura, perda de autonomia com a adequação às normas da instituição pública, controle na prestação de contas, etc.

Quando cortes e ingerências ocorrem, a energia do coletivo pode se concentrar na reivindicação de "direitos" e reformas institucionais para que não se perca a fonte de renda que mantém o espaço. Essa energia, que é grande, poderia ser direcionada na busca de estratégias financeiras mais autônomas e independentes do Estado. Sem esta independência, o ativismo cultural se profissionaliza e mercantiliza, perdendo do horizonte tanto a questão política anti-capitalista e libertária quanto um cotidiano auto-sustentável, tornando-se uma rebeldia domesticada. Quando não se busca viver as relações e transformações do modo de vida almejadas, concentra-se apenas na organização e num discurso politicamente correto e supostamente revolucionário, criando uma relação hierárquica com as pessoas servidas pelo projeto. Buscando ir contra a hierarquia, queremos compartilhar nossos conhecimentos, nossa "cultura", através da nossa própria prática como exemplo, como experimento a ser observado, criticado ou testado por outras. Esta é a importância de termos mais espaços anarquistas duradouros: para manter o imaginário das pessoas num horizonte diferente, para além dos livros e retóricas, pois se tornam uma peça importante da propaganda pela ação e pelo exemplo.

Sabemos que pagar aluguel é uma forma, indireta, de mantermos relações com o mercado, e em certa medida com o Estado. Entretanto, a organização do coletivo mantém-se independente e desatrelada das burocracias vigentes, que demandariam diversas formas de hierarquização (a eleição de diretores e secretários), relatórios, registros e controles de uma instância superior.

O fortalecimento das alternativas fora do Estado e do mercado aumenta quando se reforçam os laços de solidariedade entre o coletivo gestor e frequentadoras e colaboradoras do espaço. Sobretudo quando o espaço consegue estabelecer relações anti-utilitaristas, superando o consumismo mercantil de frequentadoras.

Momentos de crise econômica e política potencializam a criação e expansão de coletivos e espaços políticos autônomos. É preciso aproveitar estes momentos. Ter um espaço fragilizado financeira e

organizacionalmente num período de plena capacidade de expansão política é um desperdício, mas como as crises também nos afetam, é preciso ter uma estratégia para lidar com a questão.

O fato da Casa da Lagartixa Preta conseguir gerir questões financeiras por conta própria tem impacto propagandístico para as pessoas de fora do meio anarquista ou libertário. Isso dialoga com o senso comum sobre as noções de maturidade e responsabilidade, quebrando o estereótipo de que anarquistas são arruaceiros e de que grupos políticos são parasitas. Quebrando preconceitos temos mais facilidade de difundir nossas práticas e princípios. Isso mostra que é possível se organizar de forma séria sem vínculo com o Estado. E de que é possível garantir uma verba mínima necessária para isso, sem visar o lucro ou a profissionalização.

Várias pessoas que conhecem ou que passaram pela Casa da Lagartixa Preta nos perguntam: "Mas como vocês pagam o aluguel e as contas?!" Resposta: "Organizamos uma pizzada vegana por mês e isso, de três anos para cá, tem dado conta de pagar todas as contas. Mantemos nosso princípio de não ter vínculo com qualquer instituição." Saber sobre a estratégia financeira coletiva que nos tem feito resistir há tanto tempo mexe com o imaginário das pessoas. Dentro e fora de uma perspectiva libertária é bem provável que não causaríamos o mesmo efeito dizendo que somos mantidos por verbas públicas...

Se queremos expandir a estratégia "Coletivo → Espaço → Território", dependemos de uma propaganda mais qualitativa do que quantitativa. Cumpre-se uma função dupla: a constituição de um modo de vida libertário (relações comunais dentro do coletivo através da vivência no espaço e outros ambientes cotidianos) e a propaganda pela ação (atividades, debates, oficinas, grupos de estudo, trabalhos na horta, local de encontros de outros coletivos, etc).

4 – DINHEIRO E RELAÇÕES UTILITARISTAS COM O ESPAÇO

Não cobrar entrada para atividades de grande importância política é uma boa forma de evitar construir relações utilitaristas com o espaço. Minimizar o máximo possível as atividades pagas, procurar reduzir ao máximo as 'atividades mensais com o foco no sustento financeiro do espaço foi uma estratégia que deu certo para a Casa da Lagartixa Preta. Inicialmente, foi difícil, mas valeu a pena a insistência até consolidarmos uma rotina, a mais fácil possível, de angariar fundos.

O questionamento das relações pautadas pelo dinheiro, apesar de muitas vezes teorizado, é pouco explorado na prática, dificultando a compreensão sobre as relações utilitárias e consumistas do público com um espaço libertário. Ao contrário do que aprendemos, o dinheiro

Salve, amizade!

Somos do Ativismo ABC e iniciamos um centro de **informação e solidariedade** no bairro Casa Branca, Santo André.

Sem fins lucrativos, teremos horta comunitária, biblioteca, rede informática gratuita e cursos livres. Um espaço para uma **rede de saberes e ajuda mútua** na vizinhança.

No bairro vivem muitos **idosos**, que terão um local para transmissão livre de seus conhecimentos e para novos aprendizados, valorizando sua força e sabedoria.

No momento precisamos da sua **AJUDA em dinheiro** para trocar o encanamento da casa, que encontramos danificado. **Muito agradecidos!**

Visite-nos na Rua Alcides de Queirós, 161.

ativismoabc@uol.com.br

Se quiser nos ajudar com uma **quantia maior**:
conta 1008762-7
agência 0112-0
banco Bradesco

Panfleto distribuído pelo coletivo, 2006

não é neutro: ele age como um alienador de relações monopolizadas por quem produz a moeda – o Estado.

Cada coletivo tem suas peculiaridades e, no nosso caso, o tema da dádiva e da reciprocidade foi desde o início levantado por uma pessoa nossa companheira que estuda o assunto. Mas o anarquismo nos oferece o tema do apoio mútuo nos escritos de Proudhon e Kropotkin, por exemplo, que pode ser correlacionado. Mas a teoria da dádiva tem peculiaridades que propiciam enxergar práticas de apoio mútuo além da troca mercantil, vendo nas transações não só o valor de uso e de troca, mas o de vínculo. Em nossa sociedade, o uso do dinheiro nos faz ver a troca como acabada, não se enxerga a parte não-paga: a mais-valia, os pequenos gestos de ajuda, o vínculo que se cria possibilitando que as relações se repitam e uma sensação de dívida e compromisso permanente entre as pessoas que convivem entre si.

A minimização das relações intermediadas pelo dinheiro é uma postura política do coletivo, pois acreditamos que fora delas vários laços podem se formar. Para pagar as contas, preferimos ter uma única atividade comercial por mês do que cobrar pouco por diversas atividades políticas; se uma atividade de cunho mais político exige dinheiro para ser realizada, preferimos buscar o recurso fora da esfera da atividade. Se queremos que as atividades políticas do espaço tenham um impacto maior, melhor desvinculá-las do fluxo monetário, evitando a exclusão de pessoas que não podem pagar. Se existe uma atividade política de grande importância e que precisa ser financiada (compra de materiais, ferramentas, etc), procuramos financiá-la com uma outra atividade ou buscamos ajuda com outras pessoas companheiras e amigas.

Vimos que diversos espaços sofrem ou sofreram com relações utilitárias de frequentadoras, mas ao mesmo tempo não enxergavam que o ato de cobrar pelas atividades propostas (mesmo sendo barato) acabava alimentando este tipo de relação com o espaço. Nós mesmas em diversos momentos tivemos e ainda temos problemas desse tipo. Como na Noite da Pizza Vegana (atividade mais comercial para pagar o aluguel), quando muitas pessoas que chegam ao espaço pela primeira vez ou que não têm a chance de enxergar as atividades da casa para além do serviço no momento. Buscando minimizar isto, sempre temos pelo menos uma responsável por apresentar e explicar sobre a Casa e nossos experimentos práticos e políticos para frequentadoras iniciais durante as noites de pizza. Insistimos para todas as pessoas sobre o porquê da existência do espaço, seus princípios, como funciona, como colaborar, etc. As dinâmicas de relações dentro e com os espaços libertários são de desconstrução das que estamos habituadas e condicionadas a viver. Muitas vezes as pessoas têm dificuldades de perceber e transformar sua maneira de agir, mas mais possibilidades de mudança terão se forem informadas abertamente sobre a proposta do local.

A problemática de Shows no espaço

Os primeiros aluguéis da Casa da Lagartixa Preta foram pagos com shows realizados no espaço, principalmente da venda de salgados vegetarianos e bebidas, bem como das contribuições voluntárias dos membros. Durante um certo tempo, essas ações deram certo. Entretanto, quando paramos de realizar tais shows devido a reclamações da vizinhança, com quem desejávamos ter boas relações, passamos a ter reflexões

maiores sobre esta questão.

Os shows traziam muitas pessoas para o espaço e conseguíamos parte dos recursos para pagar as contas. Contudo, diversos problemas apareceram. Por exemplo: das frequentadoras dos shows, uma pequena minoria participava dos debates políticos e era menor ainda as pessoas que voltavam para qualquer outra atividade no espaço. Também tivemos problemas de aceitação pela vizinhança, que se incomodava com o barulho. O descaso com o espaço também era grande, deixando a casa muito suja, como se a limpeza não fosse responsabilidade de todas (ao contrário de espaços comerciais onde a limpeza é realizada por funcionárias).

As pessoas vinham assistir aos shows e não exatamente conhecer ou apoiar o espaço. O ambiente punk do qual muitas de nós provinham acabava condicionando o tipo de música, as bandas e qual seria o público. Por outro lado, a lógica do espetáculo muitas vezes cooptava a própria "cena alternativa", minimizando seus aspectos políticos. Por isso, tentamos associar nossas atividades musicais aos seus aspectos políticos, com debates e elementos políticos da cultura e da história na qual a arte está envolvida. Há festas e descontração, mas estes momentos fazem parte de todos os outros, em interação com as propostas políticas do espaço.

Quando tivemos que fazer essas mudanças, já que quase fomos multadas por excesso de barulho, aconteceu duas coisas: 1) nossas atividades se diversificaram, com debates (sobre anarquismo, feminismo, etc), vídeos, encontros veganos e ecológicos, reuniões de grupos políticos, além de ocasionais eventos com música acústica (com Redson do Cólera, Rodrigo do Dead Fish, 88Não!, Cleiton antigo vocalista dos Subvidentes,



Show no quintal da Casa, no 2º Encontro Vegetariano, 2006

COBAIN & ATIVISMO ABC													
													
CÓLERA													
25 ANOS													
<p>Dia 26/2 – as 15 hs - Festa 25 anos ingresso: contribuição voluntária</p> <ul style="list-style-type: none">- Exibição de vídeos (clips/tours/shows/etc)- Exibição de cartazes, fotos, flyers, etc .- Debate / palestra com Redson, com o tema "Faça você mesmo" (dicas para uma melhor produção de bandas punk/hc).- Cólera acústico (Redson e violão).- Além de cerveja barata, e amigos a beça! <p>Local: Casa da lagartixa preta "Malageña Saleroza" R. Alcides de Queiroz, 161 - Casa Branca - Sto André www.ativismo.cjb.net - inf. 9950-5477</p>	<p>Dia 27/2 – as 14 hs - show 25 anos Ingressos: R\$ 5 (antecipado) e R\$ 8 no local</p> <table border="0"><tr><td>13hs - Dj Português</td><td>14hs- Paranóicos</td></tr><tr><td>14:30 - Sistema Homicida</td><td>15hs- Caldo do lixo</td></tr><tr><td>15:30 - Falange negra</td><td>16hs - Chicanos</td></tr><tr><td>16:30 - Condenados</td><td>17hs - 3ª Classe</td></tr><tr><td>17:30 - Manifesto HC</td><td>18hs - Kalgang</td></tr><tr><td>18:30 - 88Não!</td><td>19hs- DKD</td></tr></table> <p style="text-align: center;">19:30 - CÓLERA</p> <p>Local: Sede da Cobain - R Zequinha de Abreu, 294 - Sonia Maria. (Descer na Parada Sônia Maria do Trolebus e caminhar uns 10 minutos até a sede)</p>	13hs - Dj Português	14hs- Paranóicos	14:30 - Sistema Homicida	15hs- Caldo do lixo	15:30 - Falange negra	16hs - Chicanos	16:30 - Condenados	17hs - 3ª Classe	17:30 - Manifesto HC	18hs - Kalgang	18:30 - 88Não!	19hs- DKD
13hs - Dj Português	14hs- Paranóicos												
14:30 - Sistema Homicida	15hs- Caldo do lixo												
15:30 - Falange negra	16hs - Chicanos												
16:30 - Condenados	17hs - 3ª Classe												
17:30 - Manifesto HC	18hs - Kalgang												
18:30 - 88Não!	19hs- DKD												

Som e troca de ideia com Cólera, 2005

Ordinária Hit, Ba-Boom, João Palmito e o Talo da Pinha, Punk Canibal, Animinimalista, as noites de música livre da "Segunda Vagabunda", etc) mas sempre centralizando a atividade no debate e não na música; e 2) grande parte das pessoas que vinha para os shows pararam de frequentar a Casa. Passamos a insistir em outras atividades que possibilitavam um diálogo e uma relação maior com as propostas do espaço.

Até meados de 2008, para a arrecadação financeira com o objetivo de pagar o aluguel, foi preciso diversificar nossas ações: fazendo pedágio no farol, vendendo livros e filmes, intercalando entre pizzada e

feijoada vegana entre os meses, venda de cerveja nos eventos de grande público, pedir dinheiro para companheiras e pessoas amigas, familiares. Finalmente, encontramos na Noite da Pizza Vegana uma forma concisa e tranquila de arrecadação para o aluguel e as demais contas básicas da casa (de água e luz). Nem sempre o arrecadado durante a festa basta. Quando isto ocorre, contamos ainda com a contribuição voluntária de outras pessoas companheiras. Ao confundir a lógica comercial com a lógica política corre-se o risco de nenhuma das duas se firmarem num espaço.

Enfim, não vemos problema nas práticas artísticas e musicais e nos shows tão comuns no meio punk em sua relação com o anarquismo. O problema para um espaço libertário está em deixar que o consumo de eventos culturais seja seu foco, sem que os demais aspectos de um modo de vida autônomo estejam integrados à arte.

A festa da pizza vegana

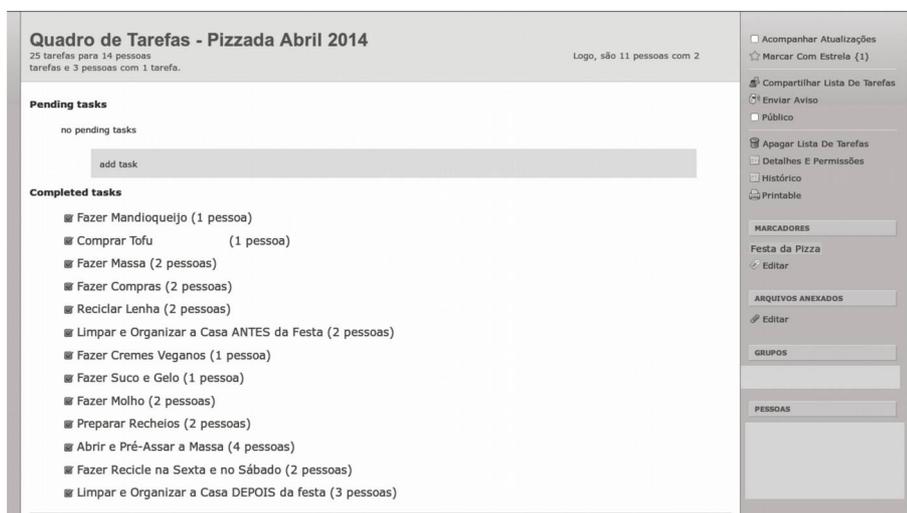
No início, não é nada fácil arcar com as contas. A estratégia da Casa da Lagartixa Preta foi, antes mesmo de alugar um espaço, ter uma reserva de pelo menos três aluguéis no caixa do coletivo. Uma casa pode exigir reformas iniciais mais pesadas e no caso da Casa da Lagartixa Preta, tendo o fazer-a-gente-mesma e a autogestão como pressupostos, o próprio coletivo deu conta delas, evitando esgotar o dinheiro guardado.

Uma atividade de arrecadação de verbas leva tempo para vingar. A propaganda é importante assim como datas fixas para a atividade. Marcá-las no início do mês pode ser outra estratégia interessante, já que a maioria das pessoas recebem seus salários neste período, restando pouco no final do mês. De início, achávamos que isto era besteira, mas em diversos testes com datas variadas, percebemos que não. Experimentar é uma maneira libertária de conhecer.

A Noite da Pizza Vegana, na Casa da Lagartixa Preta, é mensal e hoje é a principal fonte de renda do espaço. Muitas outras tentativas anteriores funcionaram parcialmente como fonte de renda. Sobre as doações, uma pessoa do coletivo ficava responsável pela organização e cobrança das doações e todo o coletivo ficava responsável pela organização da atividade comercial.

Algumas características especiais que fizeram a pizzada dar mais certo foram, como citado acima, ter uma data fixa, um valor que seja acessível (e que, ao mesmo tempo, não comprometa a inclusão de quem não pode pagar), ter uma divulgação ampla (inclusive a eficiente “boca-à-boca”), ser um evento que contempla um público carente de alternativas (quem não come produtos de origem animal) e, antes de tudo, ser claramente um evento de solidariedade à manutenção do espaço.

Há divisão prévia de tarefas para antes, durante e depois da festa, o que



The screenshot shows a web interface for a task board titled "Quadro de Tarefas - Pizzada Abril 2014". It displays a list of tasks categorized into "Pending tasks" (none shown) and "Completed tasks". The completed tasks list includes items like "Fazer Mandioqueijo", "Comprar Tofu", "Fazer Massa", "Fazer Compras", "Reciclar Lenha", "Limpar e Organizar a Casa ANTES da Festa", "Fazer Cremes Veganos", "Fazer Suco e Gelo", "Fazer Molho", "Preparar Recheios", "Abrir e Pré-Assar a Massa", "Fazer Recicle na Sexta e no Sábado", and "Limpar e Organizar a Casa DEPOIS da festa". The interface also includes a sidebar with options like "Compartilhar Lista De Tarefas", "Enviar Aviso", "Público", "Apagar Lista De Tarefas", "Detalhes E Permissões", "Histórico", "Printable", "MARCADORES", "Festa da Pizza", "ARQUIVOS ANEXADOS", "GRUPOS", and "PESSOAS".

Modelo de quadro de tarefas online utilizado para organizar festas da pizza

inclui desde compras, produção e até limpeza da Casa no dia seguinte. Uma das tarefas mais importantes, que acontece durante a festa é a apresentação da Casa. Este é um momento chave para as pessoas que estão aparecendo pela primeira vez (o que é muito comum acontecer nas festas da pizza), pois é onde elas são convidadas conhecer todos os ambientes do espaço, onde quem apresenta vai explicando e mostrando nossas ideias e práticas. Assim, ela é informada sobre os princípios do lugar e como ele funciona. Mesmo no rodízio de pizzas, não há empregados nem patrões, uma vez que tudo é organizado horizontalmente em solidariedade e apoio mútuo. Outras pessoas e coletivos apoiadores da casa muitas vezes também ajudam no trabalho antes, durante e depois da festa.

Pode ser que, inicialmente, durante alguns meses, a realização de apenas uma atividade de arrecadação e a doação das membros não sejam suficientes. Ter uma terceira opção pode ser útil. Por exemplo: ter uma lista de contatos do meio libertário e de fora dele para pedir doações extras. Dizer o quanto falta e apresentar claramente quais são os gastos mensais com o espaço facilita doações de outras pessoas solidárias à causa. Esta mesma lista pode ser usada para buscar doações para algo mais emergencial, como reformas drásticas, por exemplo.

Ter um evento único e bem estruturado de arrecadação financeira pode garantir o pagamento das contas, fazendo com que sobre mais tempo para outras atividades e experimentos libertários práticos.

TAREFAS HORÁRIOS	CAVA BAR	MONTAR PIZZA	CORTAR PIZZA	SERVIÇO (SALGADO ESTERNA)	SERVIÇO (SALGADO SÍBIO)	Apresentar cava	FORMA	LAVAR LOUSA
7h00 às 8h30	Marco	elen	GLÁUCIO	gui	POTIRA	THI	Maíma	MARISA
8h30 às 10h00	elen		Maíma	gui	MIX	THI	Belle	gui
10h00 às 11h00	GLÁUCIO	MIX	Marco	 MARISA	POTIRA	gui	Belle	

Modelo de quadro de tarefas utilizado durante as festas da pizza

E se começarmos um espaço no meio rural?

A cidade e o campo são tratados pelo modo de vida dominante como separados. Como a maioria das ativistas libertárias vem de grandes centros urbanos, acabam tendo, muitas vezes, uma visão polarizada e idealizada da vida no campo. Uma parte das pessoas vê o campo como um local que deve ser superado pelo desenvolvimentismo e pelo mundo tecnocientífico. Outra parte o vê com um forte romantismo parnasiano. Certamente a vida no campo é diferente da vida na cidade, mas entre esses pólos existe muita variedade conforme a região, exigindo diferentes esforços de acordo com as necessidades estabelecidas pelo bioma local.

Ainda, o campo e a cidade, no capitalismo, seguem a mesma lógica de divisão do trabalho e acumulação. Tomado pelas monoculturas, há tempos as trabalhadoras rurais se especializaram e se proletarizaram, rompendo com modos de vida mais tradicionais. Mas o campo ainda oferece, graças à possibilidade de acesso direto aos meios de produção básicos de subsistência, formas de resistência que possibilitam maior autonomia em relação ao mercado e ao Estado. Todavia, também lá se encontram a concentração de propriedade e a repressão aos movimentos sociais.

Nossa tentativa de ampliação da construção de territórios libertários visa uma ruptura com esta polarização, ou seja, uma conexão urbana com as práticas campesinas, plantando na cidade, e a ida ao campo de organizações políticas que atraem pessoas que hoje se concentram cada vez mais nas cidades. Fortalecendo os laços entre campo e cidade construiremos territórios mais fortes e, a longo prazo, transformações mais profundas e sustentáveis no âmbito micro e macro. Cada espaço segue de forma própria e livre, porém interdependente em relação a uma formação territorial. Esse processo é ainda pensado no sentido de propiciar um legado geracional, a reprodução no tempo de modos de vida libertários.

O que deve ser buscado, em ambos os lugares, é o viver conjunto e a criação de experiências coletivas concretas, alimentadas por práticas, organizações e militâncias anteriores. O projeto no meio urbano a curto prazo é mais aberto à participação de muitas pessoas, podendo servir de experiência inicial para uma maturação política do coletivo. Em seguida, quem sabe, poderá partir para algo mais radical e autônomo no meio rural. Mas isto não impede aquelas de origem rural de autogerir um espaço/território camponês.

Parece haver um problema quando pessoas em êxodo urbano pretendem começar do zero algo no campo. Se há urgência em ir para a zona rural, aconselhamos estabelecer contato com coletivos e espaços locais e que já tenham uma boa experiência na região.

5 – MANTENDO O ESPAÇO E SE MANTENDO FINANCEIRAMENTE

Se arrecadar recursos para a manutenção de um espaço é um desafio, algo ainda maior à ativista é se manter financeiramente enquanto dedica grande parte do seu tempo e trabalho social a tal espaço e à criação de algo à parte das relações capitalistas de trabalho e produção.

O cooperativismo é uma solução que aproxima, na medida do possível, uma prática mais libertária à necessidade burguesa do dinheiro. O espaço pode ser utilizado por cooperativas, sobretudo de pessoas do coletivo, que devem usar e cuidar do espaço, deixando-o sempre organizado. Deve-se prestar atenção para não transformarem-no num comércio, perdendo o foco nas práticas de produção e intercâmbio não-mercantis.

As práticas mercantis são necessárias em meio ao capitalismo, mas precisam se tornar marginais dentro de um espaço autônomo, isto é, um espaço que se foca em práticas de apoio mútuo e dádiva. Estes elementos não apenas criam relações mais fortes e libertárias mas também podem garantir boa parte da satisfação de necessidades das ativistas, de modo que dependam o mínimo possível do dinheiro produzido pelo Estado.

Ainda assim, organizar a vida financeira pessoal demanda estratégias político-econômicas precisas. As opções são variadas e o Ativismo ABC não tem um consenso sobre isso. Um dos exemplos possíveis é o material organizado por um companheiro do coletivo que trata especificamente da "Estratégia Financeira para Anarquistas". O vídeo sobre o assunto pode ser encontrado facilmente na internet, basta buscar por este título via site de buscas.

Há também o exemplo de ocupações nas quais as moradoras tentam se manter menos dependentes do dinheiro, vivendo de reciclagens, coletas, plantio e produção para o consumo. Esses espaços podem ser ao

mesmo tempo bibliotecas comunitárias abertas para atividades políticas diversas, moradias e sede de cooperativas, padarias ou oficinas. Muitas pessoas podem estar envolvidas e a organização do espaço precisa estar muito afinada. Tudo vai depender do objetivo do espaço.

Conforme a estratégia política do Ativismo ABC, na Casa da Lagartixa Preta sempre buscaremos formas de diminuir as práticas utilitaristas e monetárias, reforçando vínculos que possam ampliar cada vez mais o território no qual se vê nosso horizonte libertário.

Em 2009, algumas membros do coletivo resolveram montar uma cooperativa para gerir uma lanchonete e bar localizada ao lado da Casa da Lagartixa Preta. A proposta surgiu da vontade de ter um cotidiano mais próximo da casa e do bairro e ainda poder se manter através de um trabalho autogerido. Estas pessoas aprenderam muito com essa experiência, pois todas faziam de tudo: limpeza, fechamento de caixa, propaganda, compras, estocagem, lanches e bebidas, etc. Adquiriu-se um saber-fazer novo, alimentado pelas experiências passadas de outros trabalhos. A localização num bairro menos movimentado e com menos trânsito de pessoas não possibilitava à lanchonete voltar-se para um público especializado. Ela servia lanches comerciais e aos poucos foi introduzindo opções vegetarianas e veganas, que nem sempre se mostravam como algo comercialmente viável para a região. Esta adequação a certos elementos do capitalismo trouxe resistência de algumas cooperadas em estabelecer rotinas e padronizações de processos básicos de funcionamento, porém o controle financeiro era rigoroso, o que possibilitou pagar o investimento inicial de forma relativamente rápida.

Ter um estabelecimento comercial na mesma rua ajudou muito na divulgação e “desmistificação” da Casa da Lagartixa Preta, pois muitas pessoas do bairro não ficavam à vontade para entrar na casa e não entendiam bem o porquê do espaço existir. Um comércio é algo mais comum para as pessoas e a partir da lanchonete conseguimos estabelecer boas relações com uma parte da vizinhança que até então nos achava “muito estranhas”. Muitas pessoas criam laços iniciais mais facilmente quando há uma relação comercial, com a qual estão mais acostumadas. Essa relação pode ser uma porta de entrada para outras relações com que essas pessoas não estão tão acostumadas ou estão sendo esquecidas. A separação entre a atividade política (Casa da Lagartixa Preta) e a atividade comercial (lanchonete), ainda que orientada politicamente, possibilitou-nos mostrar que somos pessoas comuns (que trabalham na lanchonete), mas que querem construir algo diferente (com a Casa da Lagartixa Preta).

6 – PORQUE REALIZAR POR SI PRÓPRIO AS REFORMAS NO ESPAÇO

A maior parte das pessoas do coletivo foi criada no meio urbano, onde com dinheiro se resolve muita coisa, onde se incentiva o aprendizado de especializações profissionais que resultem em “ganhar” dinheiro. Com este dinheiro pode-se contratar o serviço especializado de terceiras. A ausência de recursos financeiros, a curiosidade e mesmo o histórico pessoal e familiar de faça-você-mesma (avós que cuidam de horta, pais e mães que fazem serviços manuais gerais, etc.) desde cedo estiveram ligadas, no coletivo, ao questionamento da divisão do trabalho entre intelectual e braçal, bem como às diversas especializações necessárias à manutenção

de uma casa, por exemplo (construção, encanamento, eletricidade, etc.). Passamos a relacionar construção da autonomia social com a busca por diminuir gradativamente os efeitos da divisão do trabalho em todos os seus âmbitos. Fato que nos fez resgatar alternativas práticas mais tradicionais, vindas de pessoas mais velhas, bem como entre camponesas e indígenas, mas sem idealizá-las, tomando para si aquilo que contribui para uma vida social cada vez mais autônoma. Sempre buscamos ajuda e apoio daquelas que têm mais conhecimento que a gente e que têm esta vontade compartilhar.

Assim, por questões tanto políticas quanto financeiras, nunca pagamos ninguém para fazer qualquer trabalho de manutenção, reforma ou construção na Casa da Lagartixa Preta. Se buscamos viver num mundo de poder descentralizado, é preciso retomar conhecimentos básicos e nos pautamos pela pedagogia libertária para isso.

Compreender o efeito das relações mediadas pelo dinheiro na sociedade capitalista nos possibilitou construir uma crítica a respeito dessas relações, bem como propor alternativas para transformar essas relações, mesmo que começando pelo nível micro. Desta forma, buscamos recuperar conhecimentos básicos de pedreiragem, saúde, plantio, etc, em conjunto com uma crítica à especialização de um modo geral. As visitas a outros espaços, a participação em mutirões, as vivências no meio rural e os grupos de estudos contribuem muito para essa diversidade de conhecimentos e práticas.



Reforma telhado na Casa, 2009



Construção forno chileno na Casa, 2014



Construção Galpão da Casa, 2008

04/12 **ATIVISMO ABC**
sábado
16h **DEBATE-BOCA SOBRE**
TEORIA E PRÁTICA



INTELCTUAL X BRAÇAL?

Com a presença de **PAULO ARANTES**, intelectual da USP, lançando o livro *Zero à Esquerda no ABC*.

R. Alcides de Queirós, 161 - Bairro Casa Branca, Santo André (SP)

Cartaz de atividade na CLP, 2004

Estas experiências de construções e reformas tiveram um impacto profundo nas reflexões políticas do coletivo. Hoje nos sentimos capazes de projetos mais audaciosos por conta disto. O meio urbano e a lógica da profissionalização nos privam de uma forte auto-estima coletiva, onde qualquer desafio fora da especialização de alguém do coletivo pode gerar uma insegurança generalizada.

Quando o assoalho de madeira de um dos cômodos da casa cedeu, passamos por longas dificuldades até conseguirmos encarar o projeto de construção de um novo piso. Muitas ideias criativas surgiram dentro do coletivo, porém a realidade de estarmos numa casa alugada nos prendeu a soluções mais tradicionais: faríamos uma laje de cimento. O coletivo já contava com bagagens menores de conhecimentos de pedreiragem e isso ajudou muito na hora de encarar o projeto de construção da laje. Consultamos um pedreiro, pai de uma das membros do coletivo, cujos conselhos foram de grande valia.

Desde o início da gestão da Casa da Lagartixa Preta, notamos que se saíssemos das bolhas sociais construídas pelo capitalismo e pela vida na cidade, conseguiríamos encontrar pessoas com conhecimento necessário para lidarmos com as mais diversas questões cotidianas, como reformas e construções no espaço.

Neste processo percebemos que nossas mães, pais, avôs, avós, tios, tias, vizinhança e amizades tinham muitos conhecimentos e saberes para compartilhar, mas que os mesmos tendiam a cair no esquecimento frente à lógica de divisão cartesiana e hierárquica entre trabalho intelectual e trabalho braçal e suas várias especialidades. O resgate destes conhecimentos e práticas não só trouxe uma força maior ao coletivo como nos abriu uma perspectiva política de diálogo com pessoas que aparentemente não tinham qualquer simpatia pelo anarquismo.

7 – APRENDER COM EXPERIÊNCIAS ALHEIAS: A ARTE DE NÃO REINVENTAR A RODA

Buscar outras experiências afinadas com os objetivos do coletivo

O Ativismo ABC utiliza a Casa da Lagartixa Preta para colocar em prática seus princípios: autogestão, autonomia, ecologia, ação direta, solidariedade, liberdade, etc. Para tanto, em diversos momentos, buscou em outros lugares conhecimentos que se mostravam necessários para isso. Por exemplo, a atual horta da Casa da Lagartixa Preta é um resultado de muitas vivências, viagens, estudos e práticas que mostram com maior propriedade que é possível buscar autonomia alimentar e de saúde dependendo cada vez menos de maquinários, agrotóxicos, farmácias, hospitais, etc. Isso é muito importante, pois observar as transformações de nossas experiências nos dava a visão de um caminho seguido rumo ao horizonte almejado.

Começamos revirando o solo e plantando algumas sementes com o mínimo de conhecimento e quase nenhuma experiência. Daí surgiram alguns conhecimentos, dúvidas e questionamentos que nos levaram a buscar outros saberes, como a agroecologia, a permacultura, a bioconstrução, os saberes de antepassados ou de povos vivendo diretamente da terra. Diversas pessoas membros do coletivo trocaram experiências e aprenderam sobre plantas espontâneas (coletivo Erva Daninha, que realizou conosco um reconhecimento de

plantas pelo bairro) e hortas urbanas (como o Quintal Orgânico, que ficava localizado em São Caetano do Sul), fizeram cursos, vivências e viagens para lugares onde se praticavam conhecimentos peculiares, como a Amanamanha, o Ciclovida e mesmo povos indígenas como as Xavantes. Observar as transformações na horta, o aumento do conhecimento sobre as plantas espontâneas medicinais, os frutos tão diversos de sementes criolas, a ampliação de nossa rede de apoio mútuo e capacidade de planejamento ecológico trouxe esperança aos nossos potenciais políticos. Assim, aprender com a experiência alheia, buscar outras fontes e mesmo ouvir conselhos é não somente produtivo como também fortalece as relações de apoio mútuo entre quem aprende e ensina.

A distribuição deste conhecimento evita a hierarquização baseada na dependência de especialistas. Quando um coletivo busca esse tipo de apoio em outro, não está se inferiorizando. Ao contrário, está se tornando mais capaz e potente.

Como possibilitar a entrada de pessoas que não tenham conhecimento sobre anarquismo

É comum que os espaços libertários sejam frequentados quase que exclusivamente por pessoas que já tenham afinidade com o anarquismo. Para além destas pessoas, pensamos ser importante a circulação de “gente comum”. Trazer novas pessoas para circular no espaço e tomar conhecimento sobre o anarquismo é uma forma de expansão de um modo de vida libertário.

Desta maneira, procuramos atividades que apelassem à aproximação de pessoas com necessidades “comuns”. Encontramos isso nos cursos de línguas. Inicialmente, os cursos eram dados por pessoas próximas da casa, mas que não eram anarquistas, e a relação que se estabeleceu naquele momento seguiu um formato mais próximo do dominante (professor-aluno).

Depois de algum tempo, resolvemos retomar esta proposta, fazendo a análise de que aquela experiência havia sido positiva na atração de pessoas diversas. Nesse momento, a proposta passou a ser norteadada pela pedagogia libertária e o que eram cursos de línguas passaram a ser grupos de estudos nos quais pessoas mais e menos experientes em tal língua fazem juntas suas pesquisas e definem o que estudar.

Procuramos diminuir o abismo entre as participantes dos grupos e a perspectiva política do Ativismo ABC. Na própria divulgação, já apontamos para o caráter do grupo: colaborativo e diverso do modelo escolar comum aos cursos de línguas comerciais.

Nem todas as pessoas se aproximaram da proposta da casa, mas as que ficaram passaram a conhecer o anarquismo a partir da convivência e vivência no espaço, isto é, da prática. Cada grupo de estudos tem autonomia para definir como funcionarão seus encontros e como vai buscar e gerir coletivamente o conhecimento. E muitas vezes o acesso a conteúdos anarquistas se faz pela tradução de textos críticos e libertários, filmes etc.

Outras atividade permanente que atrai pessoas diversas é a horta, onde a proposta é similar a dos grupos de estudos: uma troca de conhecimentos e práticas, sem especialistas e valorizando as experiências de

ATIVISMO ABC OFERECE

FESTA DA BOA VIZINHANÇA

28|11

DOMINGO



15h



O Ativismo ABC, com seu centro de cultura e solidariedade "Malagueña Salerosa", convida a todos a virem ver de perto nosso espaço e a se solidarizar nesta festa. Quem desejar, pode trazer um prato de quitutes para o festejo, ou apenas sua boa vontade e alegria.

Venha conhecer nossos cursos, nossa horta e biblioteca comunitárias, e festejar com a gente!



R. Alcides de Queirós, 161 - Bairro Casa Branca
Santo André

Grupos de Estudo de Idiomas



Para participar, basta comparecer!

INGLÊS

Básico

Quintas-feiras | 16h

INGLÊS

Intermediário

Quintas-feiras | 17h30

FRANCÊS

Intermediário

Segundas-feiras | 19h

Casa da Lagartixa Preta

www.ativismoabc.org

Rua Alcides de Queirós, 161 - Bairro Casa Branca - Santo André, SP

todas. Tem mais capacidade de atrair pessoas mais velhas que algum dia trabalharam na terra ou vieram do interior, bem como pessoas que ainda hoje mantêm alguma horta ou vasos de plantas medicinais e ervas em suas casas e têm curiosidade pela ecologia e horticultura. Muitas têm sabedoria para contribuir, por exemplo, no uso das plantas medicinais.

É importante lembrar que as jornadas de junho-julho de 2013 abriram muitos caminhos para o anarquismo. A insatisfação geral em relação ao modelo de política institucional de disputa eleitoral, políticos profissionais e bandeiras partidárias abriu caminho para propostas e práticas diretamente relacionadas com o anarquismo. A forma de organização do Movimento Passe-Livre (MPL) também contribuiu para expandir outras formas de organização e de fazer política.

Neste sentido, saíram diversas reportagens e matérias jornalísticas abordando o anarquismo, às vezes mostrando-o de forma estereotipada como violento e imaturo, e outras poucas realizando um levantamento mais histórico. Desta forma, muitas pessoas passaram a querer saber mais sobre o anarquismo, buscando também coletivos e espaços libertários já existentes. Aproveitamos este momento para intensificar nosso curso livre de anarquismo, tendo agora um grupo de estudos de anarquismo aberto ao público seguindo a mesma lógica dos grupos de estudos de línguas.

8 – MORADIA E VISITAS

Uma das questões discutidas desde antes de se alugar a Casa da Lagartixa Preta foi o uso da casa para

moradia e hospedagem de visitantes. Decidimos que o espaço não seria lugar de moradia, pois pensávamos haver uma grande dificuldade em se viver em um espaço que é, ao mesmo tempo, particular e coletivo. A Casa da Lagartixa Preta tem a área construída pequena e seus poucos cômodos são todos usados para atividades coletivas, dificultando a criação de um espaço mínimo necessário para uma pessoa morar. Além disso, é aberta ao público geral, não sendo restrita a membros do coletivo. Todavia, dada a necessidade, eventualmente adaptamos um dos cômodos para receber visitas – por tempo determinado – de companheiras de outras partes do Brasil e do mundo, já que estamos abertas ao apoio mútuo e ao intercâmbio entre diferentes pessoas.

Ao longo dos anos, tivemos diversos problemas com a questão da hospedagem, o que nos fez criar o Manual de Visitantes, com aspectos bem explícitos sobre a estadia na casa. É preciso muita sincronia do cotidiano de estadia, visitantes e atividades coletivas realizadas no espaço para que não haja conflitos entre seus diversos usos.

Moradoras

Apesar de termos definido que a Casa não serviria como moradia, algumas experiências de estadia prolongada ocorreram.

Vivenciamos diversas dificuldades por causa disso. Por exemplo, se uma pessoa hospedada no espaço dorme tarde da noite quando no dia seguinte, pela manhã, aconteceria uma atividade coletiva usando toda a casa, isso causa um choque de interesses. Em caso de adoecimento, seria difícil encontrar um lugar para repousar numa casa movimentada. Por causa de um pedido de ajuda, hospedamos uma dessas pessoas por quase 9 meses, pois “não tinha para onde ir”. Esta pessoa criou uma relação utilitária com o espaço que a levou a aceitar os princípios do coletivo apenas superficialmente, trapaceando-os constantemente (o que garantia o alongamento de sua permanência) e apropriando-se de bens do coletivo, além de não cumprir com as tarefas mínimas de zelo pela Casa. Seu comportamento afastou também crianças e vizinhos. Tardiamente, o coletivo acabou entrando em choque direto com este hóspede. Resolvida a questão, nós passamos a ter uma atitude mais disciplinada em relação à hospedagem. Companheiras do próprio coletivo também precisaram passar um tempo mais longo na Casa. As dificuldades, ainda que menores, da relação entre espaço íntimo e espaço coletivo não puderam ser totalmente superadas. Se a presença constante de alguém de confiança na casa aumenta a segurança e a disponibilidade de abertura diária de suas portas, também sobrecarrega a hóspede bem intencionada, gerando certa desigualdade de participação e mesmo de influência nos rumos do coletivo.

No caso de um espaço que possua cômodos separados ou seja um espaço bem grande, a possibilidade de moradia é mais interessante, pois a vida pessoal tem mais independência em relação aos acontecimentos do espaço de uso coletivo. Ainda, quando há certa proximidade do local onde se vive e da casa coletiva, há muito mais possibilidades de vivência coletiva e movimentação no próprio espaço (e, conseqüentemente, na vida das pessoas envolvidas). Moradias coletivas próximas ao espaço de uso coletivo podem ser um boa estratégia, tanto política quanto financeira, fomentando a constituição de um território.

Ou seja, é necessária uma boa distância entre alguns aspectos da vida pessoal e da vida de um coletivo. A autonomia não pode significar a escravidão das pessoas membros pelo coletivo. A própria independência das membros possibilita, através delas, a associação de coletivos diversos dos quais cada pessoa pode fazer parte, em prol do princípio federativo. Independência, contudo, não é irresponsabilidade. A membro deve zelar para que o espaço libertário realize as potencialidades do coletivo. Assim constituem-se relações de interdependência mais sustentáveis.

O espaço enquanto elemento de vivências cotidianas libertárias deve estar atrelado, de alguma forma, à moradia, já que esta é parte básica da vida cotidiana. Mas a importância de um espaço de uso coletivo é politicamente fundamental para que os espaços de moradia não se fragmentem. Um espaço libertário pode conter espaços de moradia e espaços de atividade coletiva mais ampla, ou ser um espaço descontínuo entre moradia e área comum a todas, ligado pelas pessoas que transitam entre cada pólo.

Visitantes

Algo que enriquece muito os espaços libertários em todos lugares do mundo são as visitas. As redes de espaços e coletivos anarquistas e autônomos fazem circular gente pelo mundo inteiro e muitos espaços anarquistas são pontos de parada ou destino para compartilhamento de experiências, conhecimento, aprendizado, trocas, atividades e criação ou fortalecimento de laços.

Uma alternativa encontrada para receber pessoas de forma organizada sem interferir negativamente na rotina coletiva foi inspirada em um espaço anarquista amigo localizado nos Estados Unidos: criar um manual de hospedagem conforme as peculiaridades locais. Escrevemos, assim, o "Manual de Estadia Solidária" (anexo) com diversos acordos prévios propostos para quem deseja se hospedar na Casa. Cada visita tem uma responsável do coletivo que deve acompanhá-la pelos dias de estadia, além de explicar todo funcionamento do espaço, desde limpeza até agenda, como colaborar, horários, funcionamento da horta e biblioteca, entre outras atividades que estejam programadas para acontecer durante sua estadia na Casa. Além disso, receber alguém no espaço exige passar por aprovação em reunião, independente de esta pessoa vir por indicação de alguma companheira ou se não é conhecida de ninguém do meio anarquista. Quanto mais claro for apresentado o funcionamento do espaço (importante lembrar: NADA é óbvio, sobretudo para pessoas de outros lugares e que têm costumes diferentes), melhor para a integração entre visitante e coletivo.

Neste sentido, a visita pode ser muito melhor aproveitada por ambas as partes. A visitante pode passar seus conhecimentos, experiências e notícias do que ocorre em seu local de origem. E o coletivo tem a oportunidade de conhecer, aprender, ensinar e trocar com alguém de um outro contexto social.

9 – BIBLIOTECA, SALA, COZINHA, E... HORTA!

Nossa concepção de autonomia certamente engloba alimentação, produção e agroecologia, inclusive na cidade, onde se situa nosso laboratório de experimentos libertários.

Cuidar da alimentação, da saúde e do saber é básico para a constituição de uma política libertária mais

ampla. Os conhecimentos tradicionais nos interessam porque em geral são baseados em concepções mais integrais da vida, algumas vezes até questionando a separação cartesiana entre corpo e mente. São muitas vezes fundados em formas de dádiva e disciplina corporal coletiva que não operam segundo a lógica mercantil e da divisão do trabalho burguesa.

Por isso, damos importância à recuperação de nossa relação com a terra, ainda que na cidade. A cidade já foi o espaço de solidariedade entre vizinhas e de conhecimentos tradicionais mais independentes (como o de parteiras e o cultivo de hortas e plantas medicinais) por circularem à margem do mercado e do Estado. Perdeu-se muito de seu sentido de encontro, ganhando cada vez mais o sentido de cidade-mercado onde tudo é fragmentado, administrado, vigiado e supervisionado por controles rígidos. Ainda que os movimentos sociais tentem recuperar esses laços mais próximos, a vida na cidade acaba por direcionar, em grande parte, nossas ações para nos manter trabalhando e consumindo mercadorias. Sociedades tradicionais e campesinas, onde os laços de interdependência pessoal e coletiva são mais fortes, vêm sofrendo com a expansão cada vez mais acirrada do capitalismo. Principalmente depois da chamada "Revolução Verde", a partir dos anos 1950, indústrias bélicas que haviam faturado milhões com a II Grande Guerra transformaram-se em fábricas de tratores, armas químicas viraram agrotóxico, o lança-mísseis transformou-se em lança-veneno. Esta guerra da agroindústria tem sido uma tentativa de destruir conhecimentos tradicionais milenares criando cada vez mais dependência dos camponeses, indígenas, ribeirinhos etc. Conhecimentos tradicionais são apropriados, alienados e patenteados. Visando a acumulação, a autonomia de produção, de alimentação e de saúde vão sendo reduzidas.

Quando a comida está trancada no supermercado, a população permanece escrava do trabalho assalariado para comprá-la. Isso também acontece com praticamente todas as necessidades básicas, sobretudo nas grandes cidades.

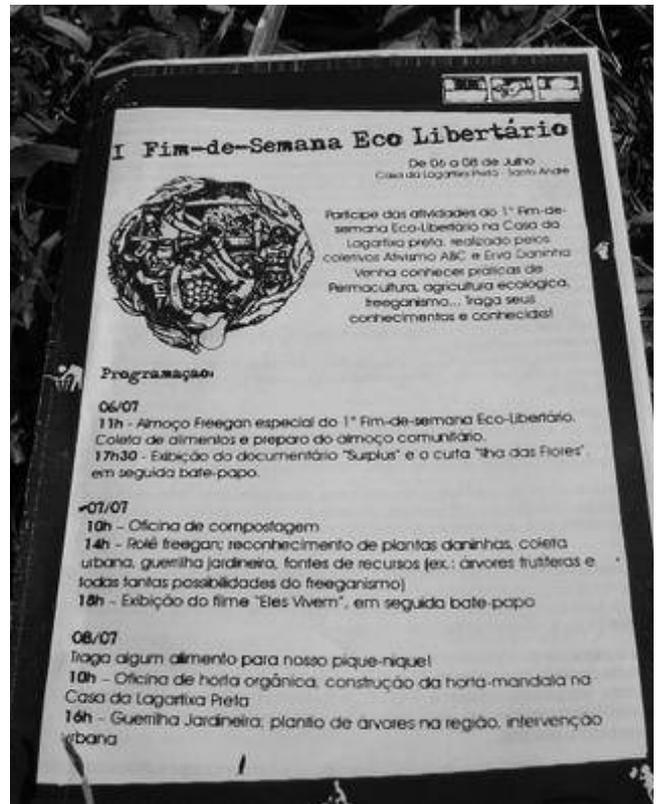
Assim, resgatar conhecimentos tradicionais para suprir necessidades básicas, como a produção de alimentos, a construção de casas, o cuidado com a saúde etc. é fundamental para se desvencilhar do controle que o sistema dominante exerce cotidianamente sobre a população em geral.

O Ativismo ABC e a Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa" já foram criticados por terem, supostamente, se isolado no fundo de seu quintal. Isso se devia à falta de entendimento alheio sobre a importância de experiências cotidianas de micro-cultivo para um modo de vida libertário, fundando bases para as macro-transformações. A preocupação em aprender a produzir alimentos é parte de nossa estratégia de constituir uma maior autonomia. Realizando um levantamento de experiências em que a questão da alimentação e a prática de horta estão presentes pudemos constatar que há diversas práticas sociais e autônomas mundo afora que impulsionam maior organização e envolvimento com as pessoas do bairro e outros lugares através da produção de alimentos. A descentralização da produção de alimentos é um meio de criarmos no âmbito micro alternativas práticas de viver cada vez mais à margem do mercado, possibilitando o surgimento de laços entre as pessoas cada vez mais alternativos e práticos que levem à constituição de um território

libertário mais amplo.

O interesse nas plantas em geral, inclusive nas espontâneas, na permacultura e na agroecologia em particular potencializaram nossa capacidade de produção de alimentos e manutenção da saúde, mantendo nossa perspectiva política integral. O coletivo Erva Daninha, ao fazer sua crítica à agricultura convencional moderna, nos convidava a identificar e conhecer as “plantas espontâneas”, conhecidas popularmente como “ervas daninhas”, que nasciam em nossa horta e em nosso bairro, descobrindo toda uma variedade de plantas negada pelo mercado. As ideias trazidas da permacultura foram fundamentais para que o coletivo pudesse concretizar e fundir a ecologia à busca pela autonomia. Não bastava ter a biblioteca que promovia o conhecimento intelectual se ao mesmo tempo continuássemos dependentes da indústria farmacêutica para tratar as doenças mais simples. Queríamos ir além.

O coletivo também se aproximou do Núcleo Germinal da FARJ (Federação Anarquista do Rio de Janeiro), que tinha como trabalho a criação de hortas comunitárias e a questão da alimentação, entre outras atividades, e do GAE (Grupo de Agroecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Em 2007, no “Fim-de-Semana Eco-Libertário”, com o apoio e esforço das companheiras destes e de outros grupos (como aquele que viria a constituir futuramente a Casa do Alpendre), projetamos e construímos o círculo de bananeiras (com desvio da água usada na pia da cozinha, chamada de “água cinza”), uma espiral de ervas, além de traçarmos um primeiro projeto de aproveitamento dos espaços da horta. Antes já havíamos construído um captador de água da chuva (vinda do telhado do vizinho, que gentilmente desviou os canos da calha para o nosso lado) que servia tanto para a descarga do vaso sanitário quanto para regar a horta. As conversas e intervenções possibilitadas por este encontro nos fizeram ampliar ainda mais nossas experiências neste sentido.



Programação Fim de Semana Eco-Libertário, 2007

1º MUTIRÃO AGROECOLÓGICO NA CASA DA LAGARTIXA PRETA!

DIAS 07, 08 E 09 DE MARÇO

É necessário fazer inscrição prévia! Vagas limitadas! Entre em contato: ativismoabc@riseup.net
Para participar das atividades nos 3 dias, pedimos a contribuição de R\$10,00 para compra de ferramentas e alimentação. Contamos com a colaboração e compreensão de tod@s participantes e interessad@s!

Organização: Ativismo ABC - Casa da Lagartixa Preta
Apoio: Igor Conde (membro do Grupo de Agricultura Ecológica da UFRRJ e do Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal) | EPARREH - Estudos e Práticas Agrícolas e o Reencantamento Humano

PROGRAMAÇÃO:

DIA 07

08h - Recepção
09h - Construção da espiral de ervas
12h30 - Almoço
14h30 - Construção da espiral de ervas
18h - Jantar
20h - Exibição do filme "O futuro da comida"

DIA 08

08h - Café da manhã
09h - Introdução à agricultura ecológica
12h30 - Almoço
14h - Prática de horta agroecológica
19h - Jantar
20h - Exibição do filme "O Poder da Comunidade"

DIA 09

08h - Café da Manhã
09h - Plantio das bananeiras pra construção do Círculo de Bananeiras
12h30 - Almoço
14h - Término da construção do Círculo de Bananeiras
18h - Encerramento

Local: Casa da Lagartixa Preta - Malagueta, Salerosa
Rua Alcides de Queirós, 161 - Casa Branca - Santo André - SP
| próxima à rua Arthur de Queirós | à estação de trem de Santo André | ao terminal de Troleibus
Tod@s participant@s deverão fazer sua inscrição antecipadamente. A não confirmação da presença implica na não participação das atividades.

Cartaz 1º Mutirão Agroecológico, 2008



Mutirão Agroecológico na Casa, 2008

Algumas pessoas do coletivo foram buscar junto a grupos, em encontros ou através de estudos (tanto autodidatas quanto institucionais) mais conhecimento, às vezes trazendo valiosas experiências de longe (como do Ciclovida, no Ceará). Desta maneira, o fundo de nosso quintal sempre esteve atrelado a um horizonte muito maior de coletivos e experimentos libertários com alimentação, saúde, organização camponesa e outras técnicas de sustentabilidade popular.

A alimentação na Casa da Lagartixa preta sempre teve um caráter político, em diversos aspectos. A cozinha é um dos locais da casa onde ocorrem mais debates políticos informais. Boa parte do processo de formação política de novos membros do coletivo se dá na convivência que ocorre durante o ato de cozinhar e comer juntas. O convívio e o trabalho coletivo propiciados pela horta também fortalece nossa experiência política. Entretanto, atualmente, também temos espaços de formação política mais formal, pensando na necessidade de equipararmos o conhecimento de anarquismo entre as mais velhas e as mais novas do coletivo, a que tem mais acesso à leitura e as que têm menos.



À esquerda, atividade na horta; acima biblioteca pós-reforma; ao lado debate na área externa da Casa



Ter um espaço com diversas possibilidades de interação expande a capacidade do coletivo de expor a sua postura política sem ser panfletário, excessivamente formal e não se limitar a transmitir conteúdos (aulas de anarquismo) sem que a forma de transmissão seja também libertária. Temos inúmeras possibilidades de diálogo através de um espaço onde há vários ambientes de sociabilidade. Cada visitante pode ser introduzida ao campo anarquista de forma diferente, dependendo mais da exploração do espaço do que apenas da pura retórica.

Na sala, chamada de "sala do ócio", fazemos grande parte de nossas reuniões, debates e mesmo

conversas informais depois do almoço. A sala de vídeo, além de reuniões, propicia o acesso a filmes radicais, servindo também como cômodo para pernoite, sala de brinquedos e jogos, lugar da nossa estante de dádivas, na qual objetos em bom estado de conservação podem ser doados ou retirados. A biblioteca, além da experiência de construção da laje e de gestão de dados e materiais escritos, serve como acomodação para os grupos de estudos de línguas. O galpão da horta, que também construímos nós mesmas, guarda nossas ferramentas e sementes, e propicia um local para conserto e intercâmbio gratuito de peças de bicicleta. No alpendre ao fundo da cozinha fica uma pequena lavanderia, onde com ajuda de várias outras pessoas, construímos um forno de barro e barris de metal. Diversos outros espaços da casa são aproveitados de maneira variada, para construção, convívio, exercícios físicos e mesmo descanso.

Sabemos que é difícil gerir um espaço e adequá-lo aos objetivos que se quer atingir. A própria horta inicialmente sofria para vingar. E tanto o galpão quanto a laje da biblioteca demoraram muito tempo para serem concretizados. Hoje conseguimos dar uso variado para todos os lugares do espaço, transformando-o numa viável ferramenta política.

10 – PELO INTERCÂMBIO ENTRE GRUPOS E ESPAÇOS

Manter contato com grupos e espaços com quem se tem afinidades políticas é necessário para que uma rede de apoio mútuo se constitua e se fortaleça, podendo desenvolver-se em federação. Assim, a credibilidade de cada projeto dá forças aos outros, além do apoio mútuo necessário para que cada espaço encontre sustentabilidade própria.

Quando coletivos libertários mantêm espaços aliados, aumenta o potencial de construção de uma cultura de autonomia, proporcionando transformações sociais efetivas. Os intercâmbios podem ser diversos: mutirões, atividades em conjunto, trocas de alimentos, sementes e conhecimentos, troca de experiências, discussões políticas... enfim, relações que nos apresentam outros contextos possíveis para a constituição de um modo de vida mais coletivo e libertário.

Participamos de várias tentativas federativas de coletivos e espaços. Por exemplo, uma coalizão de espaços autônomos (que tinham afinidade com o anarquismo) da região metropolitana de São Paulo que, por algum tempo, realizou mutirões em alguns dos espaços e atividades rotativas, além de uma agenda conjunta que evitasse, na medida do possível, sobrepor atividades. Esta proposta foi levada a cabo por quase 2 anos e deixou de existir tanto pela distância e pelos interesses locais quanto pela pouca durabilidade dos espaços, dada a falta de preocupação com experimentos nos mais variados âmbitos da vida, ora concentrando-se na moradia, ora concentrando-se no mercado "cultural". Para evitar o esgotamento da relação de apoio mútuo entre coletivos e espaços diversos é necessário que cada um mantenha sua independência local e que os encontros sejam motivados por necessidades concretas, sem sobrecarregar o cotidiano com assembleias sem objetivo definido.

Pessoas do Ativismo ABC já circulam por diversos espaços libertários a fim de estabelecer contatos,

atividades conjuntas e alianças. Feiras, congressos, frentes de luta e encontros de vários coletivos são fundamentais para este intercâmbio.

11 – PARA UM FUTURO DE EXPANSÃO DE ESPAÇOS: DOIS ESPAÇOS NA MESMA REGIÃO E A QUESTÃO FINANCEIRA

Um evento comercial por mês realizado por dois espaços como a Casa da Lagartixa Preta que se localizem próximos pode fazer surgir uma forma de competição por público e recursos. Antes de abrir um segundo espaço libertário na mesma região é importante conhecer o funcionamento e estratégias do espaço já existente para que sejam complementares ao invés de competidores.

De fato, a troca de experiências e informações das pessoas que querem montar um espaço com as que já tem um propicia o aprendizado do que poderia dar certo ou não, dadas as diferenças locais, de público, etc. Cada localidade tem suas características ecológicas e mesmo pessoas diferentes que podem ser o público do espaço.

Se de algum modo o modelo estratégico do “coletivo → espaço → território” se difundir, a médio e longo prazo contaremos com grandes desafios organizacionais. Um dos meios de superar tais desafios nos parece ser a diminuição da dependência de fluxo monetário, mantendo a necessidade de recursos em valores baixos para tirarmos o melhor proveito possível de qualquer captação realizada. Como o dinheiro é um recurso escasso, buscá-lo gera mais competição do que quando os demais recursos (alimentos, utensílios, técnicas, conhecimentos) são produzidos e circulados de forma mais livre.

Nossa transformação acontece na medida em que experimentamos de fato novas formas de vida e de organização de modo que se expandam cada vez mais para outras pessoas e coletivos.

A questão de espaços libertários fisicamente próximos começa a brotar no nosso horizonte e se faz necessária uma maior criatividade quanto a coordená-los mantendo sua independência, bem como quanto às estratégias financeiras necessárias, evitando que se criem entre os espaços relações econômicas utilitárias e competitivas, comprometendo um projeto político que depende de apoio mútuo sólido e duradouro.

A competição não precisa ser excluída da vida libertária, mas pode ser transformada de forma lúdica em cooperação, como na formação de equipes dos coletivos e espaços libertários para a prática esportiva, tal qual ocorreu algumas vezes na Copa Autônoma de Futebol, por exemplo. Assim, surge mais um ambiente de encontro de coletivos sem que eles disputem por um recurso escasso (dinheiro) mas sim por algo divertido e barato, como uma bola de futebol.

12 - CONCLUSÕES

Este fanzine expressa parcialmente nossa perspectiva quanto aos espaços autônomos e nossa estratégia política para a construção de um modo de vida pautado nos princípios anarquistas. Vemos a transformação social radical como algo a ser construído a longo prazo, tanto no processo espacial de constituição de territórios libertários quanto na transmissão dessa experiência para novas gerações dentro do mesmo coletivo e de outros

coletivos.

Sabemos que o sistema vigente não se estabeleceu da noite para o dia. A globalização capitalista, em seu ritmo acelerado, se fortaleceu a partir de estruturas constituídas de baixo para cima, histórica e socialmente, que ainda transformam continuamente nossa forma de viver. Mas este processo constituiu estruturas mais centralizadas e controladoras, resultando no Estado. Todavia, não se pode duvidar do fato de que este processo foi hierárquico, buscando acumular poder, só que agora na forma de capital. Assim, nunca questionou a desigualdade entre quem manda e quem obedece, herdada do modo de vida anteriormente dominante na Europa. A sociedade atual é bem urbana (em seu modo). Capitalismo e escolarização são dois processos conectados. A escolarização oferecida e imposta pelo Estado e pelo capitalismo reproduz esta sociedade no nível mais micro e pessoal. Assim se reproduzem os valores da hierarquia rígida, da fragmentação do saber em áreas especializadas e isoladas, o acúmulo de propriedade, a dedicação incansável ao trabalho visando satisfação em consumos efêmeros.

A estratégia de coletivo → espaço → território contrapõe-se a este modelo, formulando uma outra lógica nos diversos âmbitos da vida pessoal e coletiva, buscando completude em que parte e todo coordenem-se de maneira livre e solidária.

As estruturas que propomos não estão pré-determinadas, mas compõem de modo complexo um amplo horizonte de relações possíveis. É uma proposta afirmativa, para além da mera negação de estruturas existentes.

Possuímos princípios claros, uma estratégia em formação, ambos abertos à criatividade do coletivo e ao surgimento de novas respostas políticas às perguntas que fazem ou deixam de fazer. Capacidade de experimentação e autodisciplina coletiva, liberdade e responsabilidade, que caminham juntas alimentando-se reciprocamente. Existe um modelo de proposta constituído coletivamente, mas ele não possui uma rigidez, nem limitação de possibilidades. Aqui pode tudo, mas tudo não é qualquer coisa.

Essa perspectiva não nos faz ignorar questões de justiça social de curto e médio prazo, portanto, o coletivo assume posturas políticas de envolver-se em causas político-sociais emergenciais, mas não perde o foco na construção de novas estruturas. A nossa perspectiva de ocupação de espaço sempre tem como objetivo a permanência e a estabilidade, pois assim torna-se referência de uma realidade possível, da mesma forma que nos proporciona pensar projetos a médio e longo prazo. Portanto, a trajetória "espaço → território" pode ganhar forma, em outros lugares, tanto através de uma casa alugada, ocupada ou comprada, um terreno baldio cedido pela comunidade, um sítio ou um assentamento de terra. Tudo depende do contexto, do ambiente e do objetivo que está colocado. Esses coletivos podem ainda desenvolver outra perspectiva estratégia, contribuindo para o alargamento do campo de ação libertário.

Assim, este fanzine, que foi escrito com base em nossas experiências, pode ajudar outros coletivos a seguirem em frente sem tantos tropeços, numa rede libertária de aprendizagem e troca de informações. Construir e manter um espaço vivo por certo tempo é trabalhoso e toma muita energia, por isso é importante que ele seja uma ferramenta de transformação pessoal e social não só para nós mas para outras pessoas. Como

AFETOS – Um coletivo de atletas do coração

Antonin Artaud falava de um atletismo afetivo, de um atletismo do coração, de um ator que localizasse fisicamente uma MUSCULATURA AFETIVA – sem saber ou, por vezes, quase sabendo intuitivamente – sempre persegui esse atletismo pelos caminhos que meu coração me arrastou.

António Damázio explica que o aparecimento dos sentimentos só foi possível quando os organismos passaram a possuir mapas cerebrais capazes de representar estados do corpo, mapas que se tornaram imprescindíveis para a regulação cerebral dos estados dos corpos, sem esses mapas a vida não continuaria... “(...) Isso significa que os sentimentos não dependiam apenas da presença de um corpo e da presença de um cérebro capaz de representar o corpo, mas estavam vinculados à existência prévia de dispositivos de regulação da vida que incluíam os mecanismos de emoção e de apetite. Sem a existência de todos esses dispositivos regulatórios é bem possível que nada houvesse de interessante para sentir, uma vez que na origem de todo esse processo está na emoção e em seus alicerces, e o sentimento nunca pode ser entendido como um processo passivo. O que Damázio propõe é que aquilo que sentimos se baseia num padrão de atividade de regiões cerebrais somatossensitivas. Se essas regiões não estivessem disponíveis, nada seríamos capazes de sentir.” (GREINER, 2005, 10).

Nas andanças que realizei em poucos coletivos encontrei o afeto como algo efetivo entre aqueles que falavam em transformações, revoluções, ou o que seja... e muito do bode que tenho com os revolucionários de plantão está nisso: falam de revolução sem praticá-la no dia a dia. Como querer uma sociedade tão diferente se não encaro quem caminha comigo ou por perto num exercício de coração? E como discutir conjunturas, ações, qualquer coisa sem acessar o coração, o próprio e o do outro? Impressão de viver numa era glacial da psique, de viver uma glaciação da interioridade, como se fosse possível mudar o mundo sem, pelo menos, um pós-doutorado em vínculos coronários. Estados do corpo.

Considero que o coletivo Ativismo ABC ganhou muito ao presentear a vida com essa busca, realizando suas reuniões sempre na órbita dos corações que ali estavam, saindo da caretice do anarquismo e anarquizando o anarquismo, criando espaços mágicos que a galera da USP ainda não pesquisou direito, vivendo sem a imposição da carranca chata anti capitalista. É possível ser anti capitalista e sorrir, não dá pra confundir meus irmãos de adoção consciente, libertário com a tristeza que o mundo impõe.

O AABC e o espaço da Lagartixa Preta tem um quê de Salomé, pra quem não sabe a história de Salomé tem esse mote: o rei Herodes daria qualquer coisa por uma dança de Salomé, ela pede a cabeça de ninguém mais ninguém menos que João Batista, cara que exercia considerável influencia no povo da Judeia naquela época (olha um estudo de conjuntura aí gente!), ora, ora: um rei que põe seu poder em jogo em troca de uma dança feminina. Já que não preciso provar nada do que falo, afirmo: AABC é uma Salomé no anarquismo organizado, não que o anarquismo organizado seja um rei Herodes, claro que não! Eu acho.

Nesse coletivo vi e vejo a capacidade de viverem os amores possíveis e impossíveis, políticas do possível e do impossível, de turbinar a relação das pessoas entre si e com a pólis, desabituar, desmecanizar, escovar a contra-pelo, e buscarem o tempo todo maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de criar situações que disseminem dissonâncias diversas.. em tudo quanto que é canto. Tudo com uma dose de ternura, as vezes não.

Uma ficção final: Um dia um amigo ateu marxista saiu de rolê com uma amiga que incorporou um EXU. Ele me ligou na hora, desesperado, de madrugada numa era pré-internet, respondi: liga pro Marx, abraço amiguinho. Mas, confesso aqui: fiz uma oração pra Nossa Senhora protegê-los com seu manto azul que tanto admiro.

Estadia Solidária

O Ativismo ABC apresenta às pessoas amigas, camaradas e parceiras uma lista de acordos para aqueles que tenham interesse em uma breve estadia conosco na Casa da Lagartixa Preta “Malagueña Salerosa”.

Nossa experiência nos mostrou que as relações serão mais prazerosas, duradouras e produtivas se alguns acordos forem seguidos a respeito da utilização do espaço como lugar de estadia.

Lembrando que a casa é, além de um laboratório de vivências libertárias, um centro social usado para diversas atividades de autogestão coletiva, não comportando o uso como moradia. Portanto, durante a estadia na Casa lembre-se de que se trata de um local coletivo aberto ao público, tentando ao máximo respeitá-lo como tal.

Temos interesse em hospedar indivíduos que tenham afinidades com as propostas do coletivo Ativismo ABC e que tenham como objetivo de estadia uma troca de experiências e não apenas um lugar para dormir.

Manter um espaço como a Casa da Lagartixa Preta exige muita energia de todo o coletivo, e para que tanto a passagem de um/a companheiro/a seja prazerosa para os dois lados escrevemos este “Manual de Visitação”.

Antes da estadia:

- Pernoite: avisar com, no mínimo, 1 dia de antecedência. Caso contrário, só poderá dormir no espaço com a presença de algum membro do coletivo (se houver alguém disponível para isso);
- Em outros casos: informar motivo da estadia, data de chegada e data de partida. A decisão será tomada na reunião quinzenal do coletivo.

Durante a estadia, o que DEVE ser feito:

- SEMPRE tranque as portas e janelas quando for dormir ou sair.
- Evite acordar tarde. Existem atividades que começam cedo e dormir até tarde pode não só prejudicar o acontecimento da atividade como também pode gerar desconforto pelo atrito da criação de uma esfera privada dentro de um espaço coletivo.
- Se sujar, limpe logo após sujar. Evite acúmulo de sujeira no espaço;
- Se bagunçar, organize logo depois de bagunçar. Evite acúmulo de coisas fora do lugar;
- Se usar, guarde onde encontrou assim que acabar de usar;
- Mantenha seus pertences pessoais juntos e organizados. No caso de alimentos de uso pessoal, colocar em uma sacola e etiquetar com o nome, guardando-o no armário da cozinha;
- Lavar roupas SOMENTE no tanquinho na parte exterior da Casa. E pendurar roupas úmidas SOMENTE no varal do galpão. E assim que estiverem secas, recolha-las. Quando acabar de usar o taquinho, esvazie-o e guarde-o onde encontrou;
- Lembrar que a estadia é na Casa da Lagartixa Preta, e não na residência de membros do coletivo que moram próximos ao espaço;
- Respeitar qualquer pessoa na Casa. Não toleramos atitudes racistas, sexistas, homofóbicas ou qualquer outra forma de preconceito. Recebemos anarquistas, libertários e simpatizantes das mais variadas tendências e práticas. Portanto, pedimos aos companheiros e companheiras que respeitem a convivência na diversidade que se apresenta no espaço.
- Caso use cobertores, lençóis, travesseiros, sacos de dormir, colchões ou qualquer outra coisa do tipo que seja da Casa da Lagartixa Preta, por ser de uso coletivo, pedimos para tomar banho e usar roupas limpas para usá-los. Caso os pertences sejam do visitante, pode dormir como quiser.

Durante a estadia, o que PODE ser feito:

- Colaborar na manutenção funcional do espaço (informe-se a respeito de como pode ser feito):
 - . Abrir a Casa ao amanhecer;
 - . Varrer os cômodos;
 - . Limpeza do banheiro;
 - . Manutenção da horta;
 - . Reciclagem de alimentos na feira (às sextas-feiras);

Obs.: Ao ajudar na manutenção estrutural do espaço informe-se a respeito antes de fazer qualquer mudança estrutural ou estética na Casa, procure saber se já não existe um planejamento para tal ideia, evitando assim “atropelar” processos já em andamento.

- Ajudar nos projetos em andamento do coletivo (informe-se a respeito);

- Propor atividades e projetos de acordo com os princípios que seguimos;
- Contribuir financeiramente para o espaço;

Esperamos que este pequeno manual sirva para tornar a estadia dos companheiros e companheiras mais proveitosa e prazerosa para ambos (nós e vocês), e que possamos, a partir do apoio mútuo, intercambiar lutas e estabelecer alianças neste processo de construção de outras sociedades.

Bem vindas/os!

AtivismoABC - Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa"

Cartazes, folhetos

VÍTIMAS DE UM CONSUMO RÁPIDO?



Na calada do dia 26/12/2001, enquanto muitos viajavam ou festejavam, um empresário demoliu um casarão histórico, localizado na esquina da R. das Monções com a Av. D. Pedro II, que há muito tempo vinha sendo estudado por entidades civis para tornar-se Centro Cultural ou Museu. Derrubou para construir uma loja do McDonald's.



O casarão do início do século XX pertenceu à família Martinelli, da alta burguesia industrial de Santo André, e estava a ponto de ser finalmente dado a público como Patrimônio Histórico. Na mesma rua das Monções outro casarão também foi demolido: deu lugar a um estacionamento.

Nossa cultura tem preço? Quantos sanduíches valem nossa história? Quantos subempregos vão calar nossas bocas? É esse o futuro que você quer para os seus filhos? Tudo o que é sólido se desmanchará no ar?

Mas que donos do mundo são eles?

Boicote quem não nos dá alternativas!



Primeiro panfleto do AABC em ato no ABC, 2001

REBELDIA COM CAUSA
21/5/2003 NA CASA DA PALAVRA - PRAÇA DO CARMO, SÁBADO CENTRO, SANTO ANDRÉ - COMEÇA ÀS 13H

VENHA CONHECER E PARTICIPAR!

ALTA SOLTA E TRABALHADOR PRESO

ALTA SOLTA DAS CULAS E DAS BALISTAS!

QUANTO MAIS CULAS E BALISTAS, MELHOR É A VIDA!

APARTAMENTO, VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS, SOLIDARIEDADE E CULTURA!

PALESTRA E BATE-PAPO COM O ATIVISMO ABC

Atividade do AABC em Santo André, 2003

FESTA! INAUGURAÇÃO!

SÁBADO CASA DA LAGARTIXA PRETA "MALAGUEÑA SALEROZA" - ATIVISMO ABC
 22/5/2004, 17H ENTRADA: CONTRIBUIÇÃO VOLUNTÁRIA



O ATIVISMO ABC É UM COLETIVO APARTIDÁRIO E LIBERTÁRIO, ORIENTADO PELA AÇÃO DIRETA, LIBERDADE, SOLIDARIEDADE, VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E ECOLÓGIA. INAUGURAMOS UMA CASA ONDE HAVERÁ BIBLIOTECA, MORTA COMUNITÁRIA, RECICLAGEM, OFICINAS, PALESTRAS, CURSOS LIVRES E GRATUITOS. ESPERAMOS COM ISSO AJUDAR A FORTALECER A SOLIDARIEDADE REGIONAL E TANTO NA CIDADE QUANTO NO BAIRRO. VENHA NOS CONHECER, DAR SUGESTÕES E PARTICIPAR.

VENHA PARA NOSSA FESTA. AS PORTAS ESTÃO ABERTAS!

SAUDAÇÕES SOLIDÁRIAS!

DESENHO CEDI DO POR ERIC DRÖOKER.
SANDAS CIRCO R. ALCIDES DE QUEIROIS, 161 - B. CASA BRANCA, SANTO ANDRÉ, SP. PERTO DO SINAL DOS BOMBEIROS DA DUT E DA FIRESTONE A 15 MINUTOS DA ESTAÇÃO SANTO ANDRÉ.
UM CENTRO DE CULTURA, AUTOGESTÃO E SOLIDARIEDADE

Panfleto do AABC na ocasião da inauguração da CLP, 2004

ATIVISMO ABC

Curso de Alfabetização para Terceira Idade

10 vagas

2 horas por semana, terças e quintas-feiras das 18h às 19h.

Ajuda de custo mensal: R\$10

Início: 25/11/2004

Matrículas abertas.

Traga seu parente!



Rua Alcides de Queirois, 161 - Bairro Casa Branca, Santo André.

Primeiras atividades na CLP de interação com o bairro

I Jornada Feminista do ABC



De 8 a 26 de Março na Casa da Lagartixa Preta "Malageta Salerosa"

Este evento é organizado pelas meninas-mulheres do Ativismo ABC. Um coletivo anticapitalista, apolítico, antiautoritário, internacionalista, onde não existe mandantes nem mandados.

A ideia das Jornadas veio com a necessidade de se trazer um pouco das discussões relacionadas à mulher, tais como feminismo, aborto, violência etc, para o ABC.

Todas e todos estão convidadas(os) a participarem!!!!

AtivismoABC

Primeiras jornadas Feministas na CLP, 2007 e 2008



- 17/03 - "Mulheres e o Futebol: - o que há?" + Futebol de rua**
14h00 **Andrezza - Espaço Impróprio**
- 18/03 - "Negra e mulher, sim!" + Filme: "Acorda Raimundo, Acorda"**
16h00 **Sônia - Grupo Negro-Sim**
- 24/03 - "Mulheres Zapatistas" + Filme: "Libertários"**
14h00 **Alejandro - México**
- 25/03 - "Eco-feminismo" + Filme: "R encantadora de baleias"**
14h00 **Terezinha - União de Mulheres SP**
- 31/03 - Festa da raia - Encerramento**
19h00 **Música ao vivo com RAYÉ**

PROGRAMAÇÃO

LOCAL
CASA DA LAGARTIXA PRETA
R ALCIDES DE QUEIROZ 151
SANTO ANDRÉ
PRÓXIMO A ESTACAO DE TREM
Ativismo ABC

Curso Livre de Anarquismo
Casa da Lagartixa Preta

07/10 - Anarquismo: Uma Introdução

21/10 - Anarquismos: Proudhon, Bakunin, Malatesta e Kropotkin

04/11 - Anarquismo e Sindicalismo

18/11 - Revolução Russa e Revolução Espanhola

02/12 - Anarquismo no Brasil

16/12 - Anarquismo na América Latina

Os textos estarão disponíveis no site www.ativismoabc.org.br na página Casa para fotocopiar.

Para mais informações acessar: www.fotolog.com.br/ativismoabc e ativismoabc@riseup.net
Rua Alcides de Queiroz, 151 - Santo André (Prédio a estepoupa), a cul. a 12 min. da estação Prof. Celso Daniel - Santo André

Primeiro grupo de estudos sobre anarquismo na CLP, 2010

O Ativista

Distribuição Livre Setembro/2003 Ano Zero #Zero

PEQUENA HISTÓRIA DA VILA QUE UM DIA FOI OPERÁRIA

Paranapiacaba (cujos nomes em Tupi quer dizer "lugar dos nove céus") tem uma presença marcante, ainda que passageira, na história do Grande ABC. O desenvolvimento industrial da região está intimamente ligado à criação da estrada de ferro Santos-Jundiaí pelas Indústrias Inglesas, no final do século XIX, que transformou antigas fazendas em vilas chamadas de São Antônio, Santos, São Bernardo, São João, São João do Rio e Rio Grande da Serra. Pois era em Paranapiacaba que miraram, durante décadas, as famílias das ferroviárias repórteres por esse tempo que, durante muitos anos, foi o principal arrabalde de crescimento econômico para São Paulo, sendo maiores portos da América Latina.

Hoje, depois de sucessivas mudanças de "proprietários" ferroviária, a Vila de Paranapiacaba pertence à própria prefeitura de Santo André. Mas assim sempre foi assim.

Conforme nos contou entre uma aula e outra o professor de História Edilson Gomes, filho de ferroviários nascido e criado em Paranapiacaba, a linha de trem já por cerca de 100 anos não só o aprendizado inglês mas também o estado brasileiro - nacionalizado por Getúlio Vargas - tendi a ser privatizada novamente em passagens do século XX para o XXI.

A Vila foi fundada pelos ingleses para abrigar os funcionários de sua ferrovia. O núcleo histórico da vila era o local de mudança dos ferroviários - o que perdurou até os anos 1900, 1970 - enquanto que no parte mais alta aglomerou-se uma grande população de forma independente.

Devido ao seu surgimento como vila operária num momento histórico de capitalismo que seccionalizava a vida dos funcionários para se evitar os impactos do desemprego (com as horas de trabalho reduzidas até chegar ao trabalho, sendo a concessão de férias e licenças ligadas ao trabalho). Criação de serviços (tais como em diferentes níveis de hierarquia), os ferroviários organizaram as suas próprias cooperativas e clubes, como o União Língua Serra, que contava com um comércio próprio. O principal sindicato das ferroviárias de São Paulo funcionava na Vila também.

A profissão de ferroviária era uma carreira que passava de pai para filho. Para não depender de terra por usucapião, os trabalhadores eram obrigados a pagar um aluguel irrisório. Porém, sem muitos gastos comerciais, essas famílias podiam comprar suas primeiras casas próprias em várias cidades da região com o ano Antônio M. A. R. Itaipava nos, em 1908, em Santo.

Com a chegada da indústria automobilística no Brasil nos anos 30, a pressão por rodovias por parte dos grandes capitalistas acabou por, com o passar das décadas, levar o sistema ferroviário ao esquecimento público. No final dos anos 70 grande parte dos habitantes de Paranapiacaba já não estava ligada à ferrovia, ainda que dependesse do trem como meio de transporte fundamental.

Hoje, depois das políticas nacionais de privatização de um lado e do fim da vila operária com a construção do outro, o que mais resta aos moradores que se foram em Paranapiacaba? Adaptaram-se à nova realidade do turismo sazonal, ou preferem? Deixaram a vila (formando-se trabalhadores sem-teto)?

A Ilan e Guilherme

APRESENTAÇÃO

Cansada da distorção dos fatos produzida pela mídia capitalista, decidimos criar **O Ativista**.
O Ativista será um informativo regional, que tentará abordar assuntos presentes também no bairro e vizinhanças do ABC. O nosso trabalho realizado de forma igualitária, sem chefes nem patrões, e cada um faz o que sabe até onde lhe é possível fazer. A chance que estamos a fazer é de dar voz às diferenças.
Lado a lado como **O Ativista**, continuaremos com nossas práticas diretas de vida a-a-ia.
Os Ativistas

Transporte raro e caro

A questão do transporte da Vila também não é a ser tratado. Num passado não muito distante, o trem até Paranapiacaba, nos alguns anos atrás, o trajeto até Paranapiacaba foi cortado. No ano passado tivemos a rodar até a Vila, mas seu trajeto era cumprido apenas nos fins de semana. Em meados de março o trem parou de circular, e assim permanece até hoje.
O trem era um transporte mais acessível tanto para os moradores como para os visitantes. Hoje existem apenas alguns ônibus que vão de alguns pontos de ABC até Paranapiacaba, mas o valor pago por estas viagens chega a até R\$ 2,00 que o dobro do valor das passagens de trem. A única opção para os moradores e visitantes é ir de trem até Rio Grande da Serra e pagar um bilhete de integração de ônibus que custa mais R\$ 5,00, mas a espera chega a uma hora.
E agora, de quem é a responsabilidade?



DADIVA SIMBOLISMO MAGIA E ANARQUIA

fabrilidade) presentes no mundo. Esses agentes nem sempre são apenas "deser", a armadilha do cotidiano, mas a liberdade popular brasileira (e de outras partes), é uma planta doada de Fortuna.

Magia é, de certa forma, transformar o mundo conforme a vontade. Também é considerar que palavras, rituais, objetos, têm poder direto de transformação do mundo. O que isso tem a ver com anarquismo? Se consideramos o simbolismo no sentido de mizura e improvisação, o simbolismo não é somente a transformação de um objeto em outro, mas a capacidade de sugerir desejos de uma criança ao experimento do mundo) de transformação no mundo por aquilo que estamos acostumados - na razão cartesiana - a chamar de "sugestão". Uma espécie de poder psicológico ou uso das palavras, gestos, rituais, objetos, símbolos como agentes capazes de transformação do mundo. O simbolismo não é somente a transformação de um objeto em outro, mas a capacidade de sugerir desejos de uma criança ao experimento do mundo) de transformação no mundo por aquilo que estamos acostumados - na razão cartesiana - a chamar de "sugestão". Uma espécie de poder psicológico ou uso das palavras, gestos, rituais, objetos, símbolos como agentes capazes de transformação do mundo. O simbolismo não é somente a transformação de um objeto em outro, mas a capacidade de sugerir desejos de uma criança ao experimento do mundo) de transformação no mundo por aquilo que estamos acostumados - na razão cartesiana - a chamar de "sugestão". Uma espécie de poder psicológico ou uso das palavras, gestos, rituais, objetos, símbolos como agentes capazes de transformação do mundo.

Esses textos de uma apresentação resumida de como o simbolismo alternaivamente, os símbolos são utilizados no pensamento cartésiano. A produção de um texto mais complexo mais complexo está em andamento. O trabalho a seguir é sobre o simbolismo e o anarquismo. Esses textos são destinados a encerrar o simbolismo como uma representação. Algo separado de realidade, desconhecido, irreversível. As teorias do simbolismo são, portanto, as teorias dos símbolos se formam através de relações de "meio", com o "mundo", das entidades separadas e mediadas pelos sentidos. Assim, o simbolismo não é a relação "objeto-símbolo", mas a relação "objeto-símbolo" e a relação "objeto-símbolo". A representação e a realidade nunca são idênticas e esse desentendimento traz um grande parte das angústias do anarquismo. Em referência às ideias de autores clássicos como Marcel Mauss e outros mais atuais como Alain Caillé, pode-se pensar o simbolismo como um mundo. Como presente em vestes e associações. A dada é a presença de uma estrutura a ser analisada, vinculo entre eles. Não é mera identidade. Mas também não é uma relação de hierarquia e desigualdade. É uma mistura, na qual o ferrepe não presentes mas nos outros. meios, corpos, coisas, pessoas, e também associadas que costumamos chamar, às vezes positivamente, de magia.

Por exemplo, a palavra simpatia, em português, é associada tanto a uma ideia de magia quanto a uma ideia de empatia interpessoal, uma relação de compatibilidade entre pessoas, de associação. Mas não necessariamente. O simbolismo é uma relação de compatibilidade entre pessoas, de simpatia, acreditamos que ele está do lado de fora de agentes pessoais (muitas vezes

Guilherme Falleres
© Cláudio e Ilan e a obra é licenciada sob uma licença CC BY-NC-SA.

ano 2 #3

el saleroso

PUBLICAÇÃO DO COLETIVO LIBERTÁRIO ATIVISMO ABC

Primeira edição do periódico O Ativista do AABC, 2003

Terceira edição do periódico El Saleroso do AABC, 2009

Para comemorar o Natal os Espaços Autônomos de SP chama a todos ao:

O Mês em Que
Papai Noel
Morreu!!!



Para fortalecer a integração entre os vários espaços autônomos de São Paulo no mês de dezembro realizará atividades conjuntas entre os espaços:

Casa da Lagartixa Preta (Santo André) – ativismoabc@riseup.net

Dia 6 – a partir das 17h - A Festa do Ano, Pizzas e Bate Papo a vontade.

Rua Alcides de Queirós, 161 – Casa Branca – Santo André

Espaço Alvorada (Sacomã)

Dia 14 - a partir das 13h - Almoço Anti-Natal

Rua Ramos Cordeiro, 15 (em frente ao Term. Sacomã)

Cicas – (Jd. Sabrina) - projetocicas.blogspot.com

Dia 20 - a partir das 13h - Almoço & Sarau

Avenida do Poeta S/N - Vila Sabrina

Cas(A)berta (Butantã) - okupaixaocasaberta.blogspot.com

Dia 27 - a partir das 13h - Vegerrasco de Aniversário (0 anos da casa)

Pç. Santo Epifânio, 275 – Vila Indiana, Butantã



Atividades organizadas entre espaços autônomos

MARÇO Aniversário de 10 anos da Casa da Lagartixa Preta



05/03 Oficinas de Defesa Pessoal - **Todas as Quartas de Março!** Ponto de encontro: Casa da Lagartixa às **19h30**, para o Parque Ipiranguinha

08/03 Pizzada Vegana da Casa da Lagartixa Preta! Das **19h às 23h** Festa temática de máscaras! Em ritmo de carnaval e disfarces! R\$15 e coma à vontade!

09/03 Bate-papo sobre o Punk no ABC no anos 80 - **15h**

14/03 Cine-debate: Memorial Indígena Sateré-Mawé – Trajetórias em Manaus - **19h** Presença da diretora Letícia Yumi Shimoda

15/03 1º encontro do Grupo de Estudos de Anarquismo 2014 - **10h** (o grupo quinzenal no mesmo horário)

Oficina de Encadernação Artesanal - **15h**

Açaizada em Solidariedade ao Espaço Autônomo Ateliê Livre - **15h** R\$15 e coma à vontade!

16/03 Debate Arte, Educação e Anarquismo com Biblioteca Terra Livre - **16h**

21/03 Manifestações de rua: uma análise histórica e atual - **19h30** Com participação de integrantes da Ação Global dos Povos (AGP) e do Movimento anti-globalização

22/03 Práticas de CNV (Comunicação Não-Violenta) - a partir das **10h**

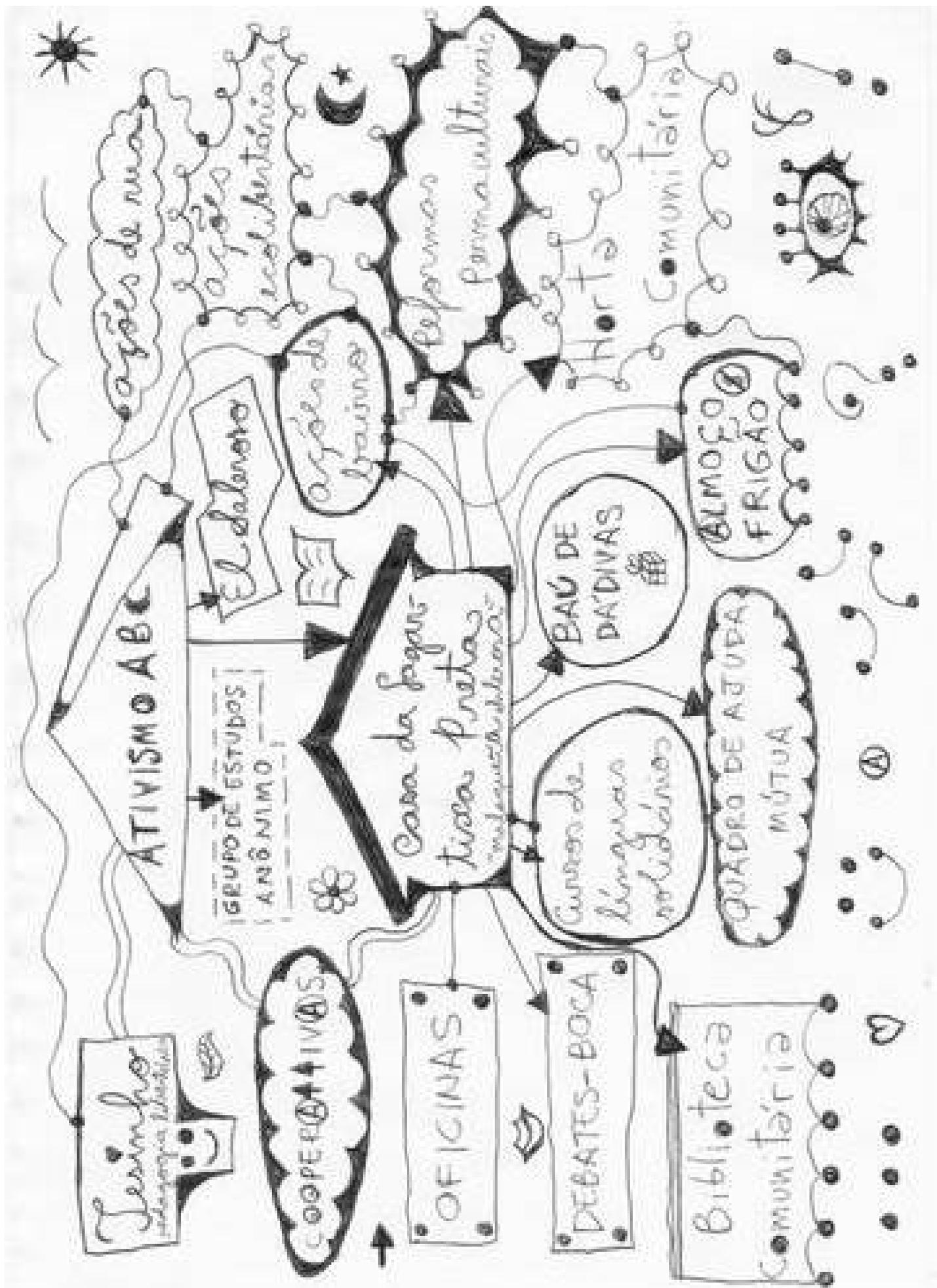
28/03 Cine Libertário: 50 anos de Golpe Militar. O Dia Que Durou 21 anos - **19h30**

29/03 **Festa de Aniversário de 10 anos da Casa da Lagartixa Preta!** **9h** - Grafiteagem nos muros da Casa **14h** - Cortejo com Maracatu Boigy **15h** - Show com Baboom **16h** - Lançamento do fanzine sobre espaços autônomos e princípios do coletivo e debate com Ativismo ABC **18h** - Show com Punk Canibal

30/03 Zapatismo: experiências nas Escuelitas - **15h** Com Ana Frari e Felipe Johnson

A Casa da Lagartixa Preta é um espaço anarquista que neste mês comemora seus 10 anos! Participe das atividades! Veja a programação detalhada em: www.ativismoabc.org
Rua Alcides de Queirós, 161 - Santo André/SP - próxima à estação de trem de Santo André, Avenida Perimetral, SENAI.

Cartaz mês de aniversário de 10 anos da CLP, 2014



Fluxograma da Casa da Lagartixa Preta, 2008

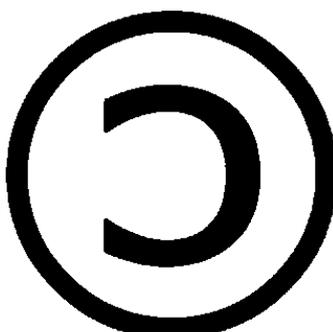
Gestão de Espaços Autônomos

libertários

“Em março de 2014, a Casa da Lagartixa Preta completa 10 anos de existência e acreditamos que sua história e nossas experiências, se transmitidas, trazem uma contribuição valiosa a quem pretende começar um projeto autônomo de espaço libertário. De modo que este texto não é um manual, mas um conjunto de reflexões, que foram arquitetadas ao longo deste período, sobre o que deu certo para o fortalecimento da Casa da Lagartixa Preta, levando também em consideração experiências de outros espaços e coletivos com quem tivemos parcerias, muitos dos quais, infelizmente, não prosseguiram. A impressão de que motivos similares levaram à interrupção da existência de espaços libertários nos leva a crer ser necessário registrar nossas experiências para aprendermos com os erros e acertos das diversas tentativas. Isso é importante para evitar o sentimento de fracasso que o fim de um projeto anarquista pode trazer. Para as pessoas, o fim de um espaço libertário pode parecer uma grande perda de energia se não for canalizada como experiência de aprendizado para a memória coletiva anarquista e, socialmente, significa o fechamento de uma possibilidade dentro de um horizonte político mais radical.”

um fanzine sobre a experiência de 10 anos da Casa da Lagartixa Preta

março/2014



copyleft – distribuição livre – recomenda-se citar a fonte